

Em Marcha

**MOVIMENTOS
RELIGIOSOS
CONTEMPORÂNEOS**



Palavra do Bispo-Presidente do Colégio Episcopal

Tenho recebido, com muita alegria, informações de diversos seguimentos da Igreja Metodista sobre a boa acolhida das revistas da Escola Dominical do primeiro quadrimestre de 1995. O resultado foi tão alvissareiro que diversas Igrejas ficaram sem o material, levando-se em conta que as mesmas não fizeram a encomenda no prazo estabelecido pela Imprensa Metodista. Na verdade, este quadro aponta uma excelente perspectiva, em termos da campanha: Recriar a Escola Dominical.

Neste novo quadrimestre, envolvendo os meses de maio, junho, julho e agosto, a comunidade metodista está sendo desafiada a estudar novas lições na Cruz de Malta e Em Marcha, sob o título: "Movimentos Religiosos Contemporâneos". Esta lições procuram focalizar o momento atual religioso, com uma variedade de ênfases que, direta ou indiretamente, estão chegando ao dia-a-dia das igrejas locais. Outrossim, diante desta realidade, faz-se necessário priorizar este tema, a partir de orientações, reflexões pastorais para os alunos e as alunas da escola dominical, evidentemente, dentro de uma orientação bíblica e à luz de nossa prática metodista.

O Colégio Episcopal, neste primeiro momento, não pretende escrever uma pastoral sobre os "Movimentos Religiosos Contemporâneos". Entretanto, as lições escritas por diversos escritores(as) inseridas nas revistas Cruz de Malta e Em Marcha é uma contribuição extremamente significativa em termos de subsídios pastorais e Ministeriais para o povo chamado Metodista neste tempo de tantas "novidades religiosas".

No calor da apresentação das lições, certamente muitas discussões ocorrerão em razão da complexidade dos assuntos a serem estudados. Contudo os bispos da Igreja Metodista insistem na seguinte preocupação pastoral: Na importância do comprometimento do chamado Metodista, no essencial, em termos de fidelidade irrestrita à proposta do Reino de Deus e, em consequência, no despertamento do nosso povo, a fim de que ele se envolva em uma prática missionária corajosa e despreendida, em termos de uma "Igreja Comunidade - Missionária a Serviço do Povo".

Finalmente, quero lembrar ainda que a nossa Igreja Metodista continua com o grande desafio de Recriar a Escola Dominical. Esta campanha visa, na verdade, levar-nos a redescobrir o papel da escola dominical, no contexto de uma Igreja de Dons e Ministérios.

Que a graça educadora de Deus seja sobre a vidas de nossas escolas dominicais, espalhadas neste imenso território nacional brasileiro.

São Paulo, março de 1995.

Bispo Adriel de Souza Maia

Movimentos Religiosos Contemporâneos



Imprensa metodista

Em Marcha/Cruz de Malta

"Movimentos Religiosos Contemporâneos"

Publicadas sob a responsabilidade do Colégio Episcopal da Igreja Metodista, através da Coordenação Nacional da Ação Docente para jovens e adultos das Escolas Dominicais. Registradas no DCDP do DPF, sob nº 249, P. 209/73.

1995 - II Quadrimestre

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Bispo Adriel de Souza Maia, Presidente
Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, Vice-Presidente
Bispo Geoval Jacinto da Silva, Secretário
Bispo Stanley da Silva Moraes
Bispo João Alves de Oliveira Filho
Bispo Richard dos Santos Canfield
Bispo Paulo Ayres Mattos
Bispo Rozalino Domingos

Coordenadoria Nacional da Ação Docente

Lúcia Leiga de Oliveira

Coordenação de Produção

Jussara Rotter Cavalheiro

Redator "Em Marcha"

Tércio Machado Siqueira

Redatora "Cruz de Malta"

Renilda M. Garcia

Digitação

Jonatas Rotter Cavalheiro
Samuel Camargo de Anchieta

Ilustrações

Moisés Abdon Coppe

Revisão

Vicente de Paulo Ferreira

Produzida pela Imprensa Metodista

Secretário Executivo

Renato Soares Fleischer

Projeto Gráfico e Editoração

Sérgio Paulo Nunes Teixeira Braga

Capa e Editoração

Rosalvo Correia de Oliveira

Pedidos e Correspondência

Imprensa Metodista
Rua Luiz Gonzaga de Barros Santos, 37
04810-030, São Paulo, SP

Tel: (011) 529-1999 / Fax: (011) 529-5874

Palavra dos Redatores

O mundo moderno vive um momento muito delicado, em todas as suas dimensões. No âmbito religioso, esta passagem histórica é confusa e, particularmente, perigosa para a doutrina cristã. Com o advento da televisão, as pessoas começaram a perder o senso crítico, a vida comunitária, o direito de pensar e de decidir. O mundo está à mercê dos meios de comunicação e de suas estranhas ideologias.

Como resultado disso, surge uma "igreja nova" a partir das conquistas obtidas pela eletrônica. Coloca-se na boca de Jesus a defesa da eficiência, do sucesso e da prosperidade na formação física e doutrinária da Igreja. Transfere-se para a responsabilidade de satanás os pecados que são cometidos, conscientemente, às ocultas. Promove-se a organização de uma igreja sem comunidade, marcada pelo individualismo. Anuncia-se uma graça sem a busca do perdão de pecados. As conseqüências poderão trazer sérios prejuízos para a história da Igreja. Já se constata, entre as igrejas históricas, alguns sinais de perigo: modismos que são atraentes e ênfases litúrgicas e doutrinárias que causam impactos. Todas estas mudanças são regidas pela preferência da mídia. Em outras palavras, a Igreja de Cristo sofre a ameaça de ser dirigida por uma elite da opinião pública. Faz-se necessário, então, preparar e animar o povo de Deus para testemunhar Jesus Cristo no mundo de hoje, dando-lhe sabedoria e discernimento para analisar e propor novos caminhos para a missão da Igreja.

A Igreja Metodista, como as igrejas cristãs históricas, possui uma trajetória que serve como exemplo a ser seguido. Não se pode jogar fora, irresponsavelmente, o testemunho dos pais da fé, como se nada tivesse acontecido antes. É baseado na instrução bíblica e levando em consideração o exemplo dos pais da fé que alguns pastores metodistas procuraram interpretar o momento atual e prepararam estas lições com vistas à instrução do povo metodista.

Nesta revista estão selecionados temas que direta ou indiretamente fazem parte do nosso dia-a-dia, influenciando de maneira negativa ou positiva, dependendo do jeito que entendemos a Bíblia e a vida, o nosso relacionamento com Deus.

As lições contidas nesta revista tiveram a colaboração dos bispos da Igreja, de pastores e pastoras e leigas, todos (as) envolvidos (as), por amor, com o ministério de ensino metodista. Os estudos não possuem a pretensão de serem a definitiva palavra sobre os temas abordados, mas eles tencionam ser uma pista confiável nesse emaranhado de caminhos, pelo menos, suspeitos.

Deixamos aqui o nosso agradecimento a todas as pessoas que nos ajudaram na edição desta revista, e que ela de fato possa esclarecer as nossas dúvidas e contribuir para um maior conhecimento da Bíblia e para um testemunho de fé evangelizador.

Tércio Machado Siqueira,
Renilda Martins Garcia,
Redatores

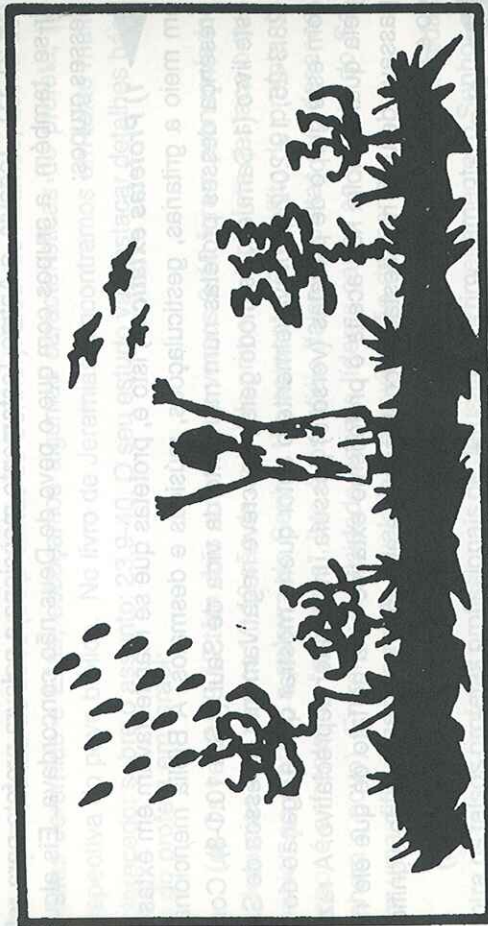
Sumário

Lição 1:	Profetas de Javé Tércio Machado Siqueira	07
Lição 2:	Testemunhas de Jeová Nelson Marriel	13
Lição 3:	Mormonismo Tácio da Gama Leite Filho	19
Lição 4:	Seitas Orientais Tácio da Gama Leite Filho	23
Lição 5:	Maldição Tércio Machado Siqueira	29
Lição 6:	A Teologia da Prosperidade Tércio Machado Siqueira	35
Lição 7:	A Prosperidade Que Deus Não Quer Tércio Machado Siqueira	41
Lição 8:	A Prosperidade Que Deus Quer Tércio Machado Siqueira	47
Lição 9:	Nova Era Flávio Ricardo Hasten Reiter Artigas	51
Lição 10:	Invocar os Mortos: Sim ou Não? Tércio Machado Siqueira	59
Lição 11:	Guerra Espiritual João Carlos Lopes	63
Lição 12:	Descansar no Espírito João Carlos Lopes	69
Lição 13:	A Cura das Feridas Emocionais Nelson Luiz de Campos Leite	75
Lição 14:	Cura e Exorcismo na Bíblia Tácio da Gama Leite Filho	83
Lição 15:	Apascenta as Minhas Ovelhas Tércio Machado Siqueira.	89

Profetas de Javé



Jr 23.9-40



Leituras Bíblicas para a Semana

- segunda-feira:** 1 Sm 10.1-8 - Os profetas extáticos atraem muito a atenção dos curiosos, mas não representam o tipo de profeta chamado por Deus.
- terça-feira:** Sl 82 - Eis as verdadeiras características do profeta de Javé.
- quarta-feira:** Jr 23.9-12 - O cumprimento da ordem de Deus pelo profeta, gera sofrimento, porém a alegria sempre o surpreende.
- quinta-feira:** Jr 23.13-15 - O povo tem dificuldades para perceber e discernir a Palavra de Deus.
- sexta-feira:** Jr 23.16-22 - O povo gosta de palavras otimistas e de paz, mas o profeta quase sempre traz palavras duras de julgamento.
- sábado:** Jesus, o último dos profetas nomeados, quando necessário foi duro na crítica ao erro praticado pelo povo.

Nesta revista estão selecionados os profetas de Javé que mais influenciam a teologia da Bíblia. Eles são apresentados de forma que possam ser estudados e compreendidos.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

Os profetas de Javé são aqueles que foram chamados por Deus para falar em seu nome. Eles são aqueles que foram chamados para falar de Deus e da sua vontade para o povo.

A palavra “profeta” não é propriedade da Bíblia. A mesma palavra serve para designar as pessoas que tentavam penetrar no futuro, interpretando-o ou fazendo previsões em favor dos reis e de suas políticas de domínio dos povos, de terras e de outros bens materiais. Para alcançar seu objetivos, os reis contravam um tipo de profeta, sábio e encantador para tentar deter a vontade de Deus (Êx 7.8-13).

Profetismo em Israel

A Bíblia, através de sua história, testemunha a presença do profeta como um ministério que se transformou em uma das mais queridas e respeitáveis instituições do povo de Deus. Tão importante que Jesus foi chamado Profeta (Mt 21.11). Todavia, o Antigo Testamento menciona a palavra profeta para referir-se, também, a grupos com que o povo de Deus não concordava. Eis alguns desses grupos:

▶ **1) Profetas extáticos**, isto é, profetas que se manifestavam em êxtases, em meio a gritarias, gesticulações, músicas e desmaios. A Bíblia menciona a presença desses profetas num momento da vida de Saul (1Sm 10.1-8). Como este livro (1 Samuel), de modo geral, descreve negativamente a pessoa de Saul (28.3-25, 19.20-24), provavelmente o autor queria mostrar que a ligação do rei com este grupo de profetas (verso 5) possuía um caráter depreciativo. A razão pela qual a Bíblia não aceita o profetismo extático está no fato de que ele não passava de uma manifestação contagiante e atraente, porém vazia de significado e sentido.

▶ **2) Profetas profissionais da Corte**, isto é, profetas ligados aos reis que serviam profissionalmente aos governantes ou pessoas bastante ricas. Acima de tudo, estes profissionais profetizavam por dinheiro e poder (Jr 23.9-40). Na Bíblia, encontramos muitos exemplos desse tipo de profeta. Um dos mais notáveis exemplos é Ananias que exerceu a função de profeta da corte nos anos que antecederam à queda de Jerusalém (587). A sua proclamação foi marcada por muitos erros: (a) ele se opôs a pregação do profeta Jeremias, (b) ele anunciou a eminente queda de Nabucodonosor e, (c) previu o rápido retorno dos judeus que estavam presos na Babilônia. O capítulo 28 do livro de Jeremias mostra que a “profecia” de Ananias era falsa.

▶ **3) Profetas de Baal**. Todas as religiões do antigo Oriente possuíam seus profetas, mas foram os porta-vozes do deus Baal que mais conflituaram com o povo de Deus. A importância do deus Baal deveu-se muito à ignorância do povo que não sabia como dominar as técnicas agrícolas. Como Baal era o deus da

fertilidade animal e vegetal, para os povos da Palestina, a palavra de seus profetas representava uma importância enorme. Vendo assim o problema, nós podemos imaginar quão grande foi o conflito entre o profeta Elias e os profetas de Baal, no monte Carmelo (1 Rs 18.20-24). Não se trata, aqui, de um ciúme dos israelitas ou de uma guerra de poder por parte de Elias. O que marcou a atitude do profeta Elias foi o seu zelo e respeito pelo ser humano. O grande perigo da fé em Baal era manutenção da ignorância do povo, através de superstições, medos e crenças vãs, que só servem para tornar o povo mais submisso aos caprichos de uma liderança e, conseqüentemente, sem iniciativa e pobre. Quando os profetas exortavam o povo para “conhecer a Deus” (Is 1.2-3, Jr 2.8;9.2-5) eles estavam procurando libertá-lo da ignorância imposta por pessoas mal intencionadas.

▶ **4) Profetas de Javé** (ou profetas do Senhor). Quando falamos, acima dos profetas Jeremias e Elias, esboçamos algumas características do profeta, na perspectiva do povo bíblico. No livro de Jeremias, encontramos um texto muito esclarecedor sobre o assunto: 23.9-40. O seu estudo vai destacar detalhes básicos do profeta em Israel:

(a) Os versos 9-12 têm dois autores: os versos 9-10 foram pronunciados por Jeremias e os versos 11-12 são de Javé. Na primeira, o profeta destaca o que é básico ao profeta: a palavra do Senhor tão somente. O conflito do profeta do Senhor é enfrentar os “adúlteros”, isto é, os infiéis (falsos profetas que desencaminham o povo). Enfrentar a falsidade desses líderes causa ao profeta do Senhor uma dificuldade somente igualada à aproximação da morte.

(b) Os versos 13-15 são ainda palavras de Javé. Aqui, elas estão dirigidas contra os falsos profetas profissionais de Jerusalém. Primeiramente, o Senhor os acusa de adultério, mentira e cometer crimes (versos 13-14). apesar desta triste constatação, percebemos que o povo continuava a acreditar nas palavras mentirosas dos líderes religiosos que ocupavam o templo de Jerusalém. Em função deles é que o Senhor emite Seu julgamento (verso 15).

(c) Os versos 16-22 constituem uma específica acusação contra os profetas que anunciam a paz. A bem da verdade, Javé criticava os anunciadores da paz em Jerusalém, porque estes faziam isso, não em função “das santas palavras do Senhor” (verso 9), mas do interesse financeiro, político e promoção pessoal. O Senhor os acusa de “encher o povo de vãs esperanças” (verso 16), através de uma artimanha muito conhecida: eles anunciam que receberam visões do futuro. Aí o profeta Jeremias acrescenta um dado muito valioso na discussão do problema: “quem esteve no conselho do Senhor?...” (verso 18). Assim, andar com o Senhor (conferir Mq 6.8), ou como ensina Wesley, ter uma experiência com Deus, é critério para se conhecer o verdadeiro profeta.

(d) Os versos 23-32 ainda continuam registrando a palavra de Javé. Já dá para perceber que este longo texto (versos 9-40) nasceu em meio a um forte conflito entre o profeta Jeremias, e muitas pessoas que, provavelmente eram profetas da corte. Esta constatação é reforçada pela leitura dos versos 23-32 quando Javé reitera o argumento que tais pessoas que se dizem profetas, são realmente mentirosos. O Senhor baseia sua acusação afirmando que estas pessoas esqueceram Seu nome (verso 27). O que Ele quer dizer com isso? Primeiro, os verbos “lembrar” e “esquecer”, na Bíblia, carregam significados importantíssimos para a compreensão da Palavra de Deus: “lembrar” das obras que Deus realiza no mundo representa manter a vida e a esperança; “esquecer” tudo isso significa o caos, a destruição da vida e da esperança. Segundo, quanto ao “nome” de Deus, “Javé” significa o que faz: “Ele cria” (o mundo); “ele liberta e salva” (o seu povo da escravidão). Assim, esquecer o Nome de Deus é apagar da memória do povo o caminho que leva à vida.



(e) Os versos 33-40 mostram uma outra qualidade desses “profetas”, desafetos de Jeremias. A pergunta “qual é a sentença pesada do Senhor?” (verso 33) é uma prova de que eles provocavam e zombavam de Jeremias e o povo iludido com as suas previsões otimistas, erradamente os apoiava. A palavra hebraica *massa* possui dois significados: primeiro “sentença” ou “oráculo”, “pronunciamento”; segundo “carga”. Quando Jeremias percebeu que os “profetas”, ironicamente, pediam um pronunciamento do Senhor, ele respondeu no mesmo nível, usando a mesma palavra, mas com o segundo significado: “vós sois a carga” (dir-se-ia hoje popularmente, “vós sois uma mala pesada”). Por que Jeremias acusa os “profetas” tão negativamente? Simplesmente, porque eles têm enganado o povo com mentiras, esquecido da história que conta os atos de Deus em favor do povo, não andam com Deus, enfim, não possuem autoridade para interpretar a vontade do Senhor.

Lições que podemos tirar para hoje

Após analisar a vida e obra de Jeremias, percebemos que havia um conflito aberto dentro da comunidade israelita vivendo em Jerusalém. De um lado estava Jeremias, vocacionado por Deus (1.4-10), profundo conhecedor da história (2.1-37), fiel à vocação divina, apesar das grandes dificuldades para cumprir a (20.7-18; 23.9) e, do outro lado, encontravam-se um grupo de “profetas” anônimos (somente Ananias destacou-se entre estes - 28.1-17). O jeito de ser e agir desses “profetas” já foi analisado acima. O importante, agora, é reconhecer que este texto bíblico nos ensina e nos ajuda a encontrar o verdadeiro caminho.

- ▶ **1.** O autêntico profeta não tem nada a ver com a promoção pessoal, difusão de idéias particulares e habilidade para se comunicar. A Bíblia mostra que Moisés (Êx.4.1-17), Isaías (Is 6.1-8), Amós (Am 7.14-15) e Jeremias (Jr 1.4-10) possuíam dificuldades para apresentarem-se como comunicadores da vontade divina. A vocação profética não depende de habilidades pessoais, mas do dom (carisma) divino. O argumento de Jeremias contra “profetas” foi este: eles não estiveram presentes no conselho divino (23.22).
- ▶ **2.** O autêntico profeta está profundamente envolvido com a busca do bem-estar para o mundo. O seu desgosto e a sua ira surgem como resultado da deterioração da qualidade de vida entre os seres humanos. Todos os profetas mencionados pela Bíblia são críticos do governo, do mau sacerdote e do falso profeta que desobedece as instruções divinas.
- ▶ **3.** O autêntico profeta é profundamente fiel a Deus e comprometido com a instrução divina. Ele não é tão somente um profundo conhecedor dessas instruções (a Torá), como também é um praticante da fé. Todavia, o fato de ser um crente leal a Javé, não o desobriga a ser um crítico do falso culto (Am. 5.21-27), do falso profeta (Jr 4.10-16), do infiel sacerdote (Os 4.4-10), do despótico rei (Jr 22.13-19) e do desdém pela causa do pobre (Am 5.10-13).
- ▶ **4.** O autêntico profeta mostrado na Bíblia, não perde a consciência para realizar o ministério, isto é, receber e comunicar o recado de Deus para o povo. A reportagem sobre o duelo de Elias e os profetas de Baal é exemplar (1 Rs 18.20-24).
- ▶ **5.** O autêntico profeta não só proclama a paz, mas está sempre aberto às insinuações do Espírito de Deus. Na verdade, a maioria das proclamações proféticas são denúncias contra a prática de desonestidade, seja no âmbito econômico, político ou religioso (Is 1.2-9).

1. Diante do estudo podemos afirmar que os profetas e profetisas do Antigo Testamento têm a mesma autoridade que os(as) do Novo Testamento?
2. O que significa ser profeta ou profetisa hoje?
3. Diante das situações difíceis da vida temos sido instrumentos de Deus para anunciar as Boas Novas de Salvação (funções do profeta/profetisa)?

ANOTAÇÕES

Testemunhas de Jeová



Gl 5.1-15

Este estudo tem por objetivo levar o metodista a conhecer um pouco da história e da doutrina das Testemunhas de Jeová. Busca, ainda, apresentar as contradições desta seita que, usando a Bíblia como bandeira, oculta-se atrás dela, negando-a e adulterando seu conteúdo.

Breve histórico

Para um melhor entendimento deste movimento de cunho religioso e social, necessário se faz reportar-se ao início da história da Igreja Cristã. Este período, ou seja, os primeiros séculos da história da Igreja Cristã foram cercados de discussões doutrinárias, adequações eclesiásticas e muitas controvérsias.

→ No século IV, surgiu uma grande controvérsia a respeito da Trindade. Ário, um sacerdote Alexandrino, negava a Trindade (Deus: Pai, Filho e Espírito Santo), a igualdade e a consubstancialidade das três pessoas da Trindade. Argumenta-

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira:	<i>Mt 3.16-17</i> - O termo "filho" salienta o caráter messiânico e propriamente filial da relação de Jesus com o Pai.
terça-feira:	<i>Fl 2. 7-11</i> - esta é a profissão de fé essencial do cristianismo.
quarta-feira:	<i>1 Tm 3.16</i> - A justiça e a dignidade de Cristo foram especialmente atestadas no fato de sua ressurreição.
quinta-feira:	<i>At 16.6-10</i> - O Espírito é quem orienta o caminho missionário dos convertidos
sexta-feira:	<i>Jo 3.3-6; 3.16</i> - O Filho tem em si a vida e a dá aos que nele crêem.
sábado:	<i>2 Co 5.16-21</i> - Deus restaurou a sua obra, desordenada pelo pecado, recriando-a em Cristo Jesus.



tava que houve tempo em que Jesus Cristo não existia e que, sendo uma criatura de Deus, não podia ser eterno; portanto, não podia existir a Trindade. Depois de mais disputas e acusações, o concílio realizado em Nicéia, no ano de 325 dC, Ário foi declarado herege e excomungado, e o Concílio ratificou a doutrina bíblica da Trindade divina.

No século passado, o movimento de criação das Testemunhas de Jeová ressuscita a doutrina de Ário. Charles Taze Russel, fundador da seita, passou a pregar contra a Trindade e outras doutrinas cristãs. Russel nasceu em 16 de fevereiro, em Pittsburg, na Pensilvânia, Estados Unidos da América. De família presbiteriana, Russel não se dava por satisfeito com sua religião. Isto o levou a passar pela Igreja Congregacional e pela Adventista. Dando continuidade a sua busca, em 1872, começou a reunir um grupo de seguidores para estudarem juntos a Bíblia regularmente, fundando uma sociedade chamada "Torre de Vigia".

No ano de 1879, Russel deu início a uma série de publicações, que foram lidas e aceitas pelos seus seguidores. Estes, munidos destas publicações, espalharam-se pelo mundo, divulgando-as e distribuindo-as. Mas somente em 1891 é que Russel fez sua primeira viagem missionária ao exterior, e a partir de então, suas obras foram editadas em diversos idiomas estabelecendo, assim, suas bases em outras fronteiras e adquirindo uma forma mais organizacional. O ano de 1884 foi considerado o ano da fundação da seita, pois foi quando se tornou pessoa jurídica.

A partir de sua organização, recebeu vários nomes. Num primeiro momento chamou-se "A Aurora do Milênio", Associação do Púlpito do Povo (1909); adotando depois os nomes: Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia (1914), Sociedade de Folhetos da Torre de Vigia ou Sociedade da Bíblia e Tratados da Torre de Vigia. No ano de 1931, durante uma convenção, realizada em Columbus, tiveram uma "revelação" e adotaram o nome de Testemunhas de Jeová. Mais recentemente tem adotado o nome de Sociedade do Novo Mundo.

Baseado em estudos dos textos de Daniel e Ezequiel em 1874 previu a volta de Jesus Cristo para o ano de 1914, época em que se daria a batalha do Armagedom (cf. Ap.16.16), na qual Deus aniquilaria os maus e daria início ao reino milenar de Cristo sobre a terra - reino de bondade e de paz; no entanto, nada do previsto aconteceu.

Russel morreu no ano 1916, sendo o seu sucessor Joseph Franklin Rutherford. Este viu-se obrigado a refazer os cálculos feitos por Russel, indicando em consequência o ano de 1925 como o da vinda de Cristo e o da batalha final de Armagedom. Muitas pessoas ficaram aflitas e angustiadas pela situação em que se encontrava o mundo após a guerra de 1914 a 1918, entraram para a seita das Testemunhas de Jeová aderindo suas doutrinas. Todavia, também em 1925 nada do que se havia predito aconteceu. Rutherford, com mais cautela, se propôs a rever todo calendário da seita e viu por bem não fixar data alguma para o cumprimento das suas profecias.

Com a morte de Rutherford, foi eleito para ocupar seu lugar o seu vice-presidente Nathan H. Knorr, em 13 de Janeiro de 1942. Este deu início a algumas reformas na seita, modernizando seu discurso, publicações e estratégia de expansão. No ano de 1968, Knorr afirmou que o dia do Armagedom cairia no ano de 1975, segundo a cronologia bíblica que ele explicava: "Adão foi criado no outono do ano 4.026 aC, de onde se calcula que em 1975 de completariam 6.000 anos de existência do gênero humano. Esses 6.000 anos seriam seguidos do reino milenar de Cristo, paralelo ao descanso sabático em que o Senhor Deus entrou após os seis dias da criação do mundo". No entanto, nada do previsto ocorreu.

Confrontando Doutrinas

Pensamento das Testemunhas de Jeová

Pensamento do Cristianismo

A Trindade

Os Testemunhas de Jeová acreditam que foi satanás que deu origem à Trindade, pois ela retoma os antigos babilônicos, egípcios e a mitologia antiga. Não aceitam a doutrina da Trindade por não encontrarem o termo na Bíblia.

A Bíblia tem vários textos referindo-se a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo atuando de maneira conjunta. Este termo aparece pela primeira vez na história da Igreja Cristã no século II, com Tertuliano, expressando a verdade bíblica de um Deus Trino. Os textos bíblicos que apontam para um Deus Trino são: Gn 1.26; 11.7; Mt 3.16; Jo 14.10; 16.17; 15.26; 2 Co 13.13; Ef 2.18; 3.14-16; Hb 9.14; 1 Pe 1.2; 1 Jo 3.23-24; 5.7; Jo 20.21.

Jesus Cristo

Crêem que Jesus Cristo era um deus, mas não o Deus Todo-Poderoso, por ter sido a primeira das criações de Jeová e não pensava ser igual a Deus. Negam a encarnação de Cristo e não admitem que possuía duas naturezas- humana e divina. Negam o poder de Jesus Cristo de fazer a expiação pelos pecados dos seres humanos. Negam a ressurreição de Jesus Cristo e sua vinda visível.

A Bíblia, ao contrário do que afirmam as Testemunhas de Jeová, traz diversos textos acerca de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Textos que refutam tais heresias:
A divindade de Jesus Cristo: Jo 1.1; 5.19-21; 14.30-31; Mt 1.23; 16.16; Rm 8.5; Tt 2.13; 1 Tm 3.16; Cl 1.16-17; Fp 2.6;
2.11; 2 Jo 1.9; Ap 1.8; Is 9.6.
A encarnação de Jesus: Jo 1.14; At 1.11; 1 Tm 2.5,3.16; Hb 10.11-14; Fp 2.6-11; 1 Jo 1.7; Is 9.6.
A ressurreição de Jesus: Lc 24.39-41; Jo 20.27-28; Rm 4.25; 1 Co 15.15-21; 1 Ts.4.14.
A volta de Cristo: Jo 14.3; At 1.11; 1 Ts 1.10; 2.19; 3.13; 4.14-17.

Jesus Cristo foi gerado por Deus e recebeu o título de "o primogênito de toda a criação". Jesus Cristo é Deus criador e não apenas obreiro associado à criação: Jo 1.14-18; 3.16-18; Cl 1.16; Hb.1.2; 2.10; 1 Jo.4.9.

Ao vir ao mundo, Cristo assumiu a forma de servo e após sua ressurreição foram-lhe restituídos o poder e a glória: Jo 14.28; 17.5; Mt 24.30; 28.18; Fp 7-11; Hb 2.9; Ap 5.12.

Fp 7.11

O Espírito Santo

Afirmam que o Espírito Santo não é uma pessoa, pois assim eles estariam admitindo a doutrina da Trindade. A partir desta perspectiva o Espírito Santo é apenas uma força ativa de Deus (influência ou emanção de Deus), através da qual Ele realiza os propósitos e executa sua vontade.

Diversos textos na Bíblia apontam para a personalidade do Espírito Santo: 1 Co 2.10-13; 12.11; Ef 1.17, 4.30 ; Rm 8.27; At 16.6-11.

Realiza atos: ensina Jo 14.26; testifica Jo 15.26; Rm 8.16; guia Rm 14; convence Jo 16.7-8; dirige pessoas At 8.29; realiza milagres, At 8.39; requer serviço, At 13.2; envia, At 13.4; intercede Rm 8.26.

O Espírito Santo é divino: é chamado 22 vezes de Espírito de Jeová (Yhawé), 31 vezes de Espírito de Deus e 30 vezes de Espírito do Senhor. Ele participou da criação, Jó 33.4; Gn 1.2. É doador da vida, Rm 8.2-11. Possui sabedoria criadora Is 40.13. O Espírito Santo é chamado de Deus em Atos 5.3-4 e gerador de vida (gerou a Jesus Lc.1.35).

A Salvação

Entendem que o sacrifício de Jesus Cristo não garante a vida eterna, apenas propicia uma nova oportunidade. Jesus apenas teria expiado os pecados de Adão, retirando a pena de morte, a fim de que todo ser humano tenha nova vida terrestre. Afirmam, ainda, que a pessoa que crê em Jesus Cristo tem a vida eterna somente no futuro; ela não é nascida de Deus. Crêem que a salvação é alcançada através das obras, especialmente no assistir as suas reuniões e na divulgação e expansão da seita.

Os ensinamentos bíblicos a respeito da salvação são claros ao afirmarem que a reconciliação com Deus é necessária (Rm 5.10; 2 Co 5.18; Cl 1.20) e que a Salvação é passar da morte para a vida (Jo 3.3-6; 3.16; 14.3; 17.24; 2 Co 5.17; Ef 4.24; At 16.31; 2 Pe 3.9).

Ef 2.1-10

As Testemunhas de Jeová dizem crerem na Bíblia. No entanto, a interpretação à luz dos estudos nas Escrituras preparados pelo seu fundador, Russel, e seu sucessor Rutherford. Estudos que distorcem o conteúdo bíblico e/ou o adulteram. São exclusivistas e acreditam ser os únicos detentores da verdade e totalmente distintos de qualquer outra organização religiosa. Buscam distanciar-se de todos (e com seu sectarismo têm conseguido), sem no entanto, perceber que lhes faltam originalidade, pois seu sistema doutrinário é reprodução de temas professados em séculos passados e rechaçados pela Igreja Cristã.

A maior parte dos adeptos desta seita está, com toda sinceridade, fazendo o que julgam ser o melhor que podem para servir a Deus. Todavia, são vítimas, seguidores cegos de líderes cegos, precisando escapar da doutrina de salvação pelas obras que o transforma em servos(as) obedientes de um império religioso multibilionário. Precisam ser libertos do jugo opressivo que lhes pesa sobre os ombros, ainda que sejam levados a crer que o suportar este jugo os salvará. Não é raro encontrar um cristão metodista que tenta convencer ou ajudar uma testemunha de Jeová a ouvir e descobrir o verdadeiro Evangelho de Cristo. Esta atitude é bastante pertinente, se olharmos para o texto de Gálatas 5.1: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a outro jugo de escravidão".

Para a Reflexão da Classe

1. Que importância tem para nós o conhecimento da história e pensamento dos Testemunhas de Jeová?
2. A partir do trabalho das Testemunhas de Jeová, que é a sua característica (marca) principal, os mesmos são identificados em todo lugar. Analisando a nossa situação de cristãos (ãs) e metodistas, qual tem sido a nossa marca? Temos sido reconhecidos(as) diante da sociedade?
3. Dialogue com a classe sobre a importância do estudo das nossas doutrinas metodistas e o nosso compromisso missionário.

Mormonismo



Hb 1.1-3

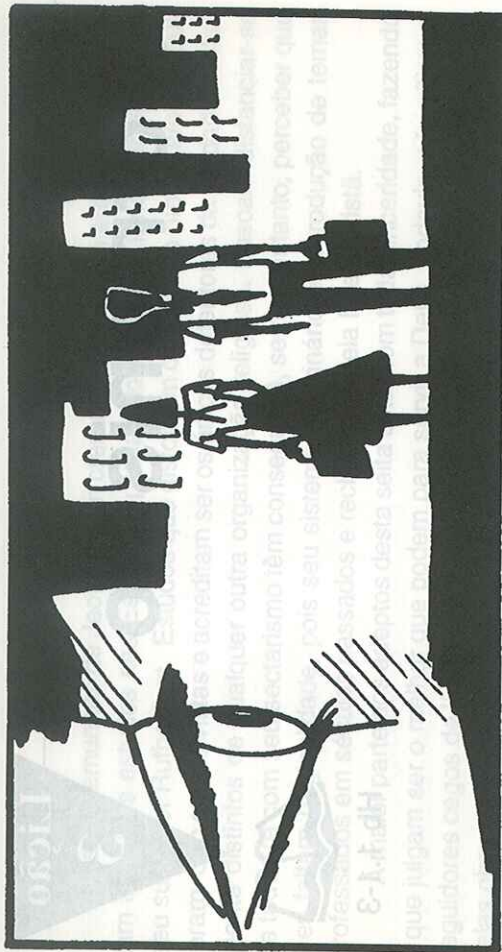
Sua Organização

Você já viu algum mórmon? Eles andam de dois em dois, de camisa branca e calça preta, divulgando sua doutrina e vendendo sua literatura, como prática que conduz à salvação. O mormonismo é uma das maiores seitas conhecidas, possuindo cerca de oito milhões de adeptos. Seu crescimento é, em média, de 300 mil conversões por ano. Isso se deve ao intenso trabalho missionário de seus adeptos, que praticam uma religião de boas obras e vida pura. Evitam o fumo, as bebidas alcoólicas, café, chá, coca-cola. Praticam fielmente o dízimo. Por isso, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (como também é conhecida) acumula muitos bens e aplica grandes somas na divulgação dos ensinamentos de seus dois principais profetas: Joseph Smith e Brigham Young.

A seita foi organizada com base nas visões de Joseph Smith, em 1830, nos Estados Unidos. Em 1935 foi criada a missão Mórmon Brasileira. Há cerca de 302 mil mórmons no Brasil. Os mórmons dão grande importância à educação, possuindo cursos de seminários e institutos, e demonstrando que a seita atrai pessoas de nível médio e superior e não as de baixa escolaridade, como os

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira:	Jo 1.1-14 - Jesus é um com o Pai
terça-feira:	Ef.5.24-33 - As novas relações familiares implicam em obrigações e compromissos.
quarta-feira:	Jo 14.15-31 - "Não vos deixarei órfãos"
quinta-feira:	Hb 7.21.20-28 - Cristo Sacerdote Único
sexta-feira:	Hb 10.19-25 - Os discípulos de Cristo têm acesso à presença de Deus.
sábado:	Sl 19 - O ensino do Senhor é perfeito, justo e fiel.



Testemunhas de Jeová. Divulgam sua seita através de abundante literatura, impressa em suas gráficas. Constróem muitos templos e capelas, onde são realizadas cerimônias secretas, como os casamentos celestiais, selamentos, batismo pelos mortos e outros ritos em favor de mortos, pois não acreditam na justificação pela fé em Cristo.

Os principais livros mórmons são: a Bíblia, O Livro de Mórmon, Doutrinas e Pactos, A pérola de Grande Valor (que inclui o Livro de Moisés, O Livro de Abraão, A História de Joseph Smith e os Artigos de Fé).

Existem hoje três grupos mais fortes: os que seguem os ensinamentos de Joseph Smith, os que seguem os ensinamentos de Brigham e os da Igreja de Cristo. Esses grupos diferem um pouco em suas doutrinas.

Além do suntuoso templo em Salt Lake City, Utah, EUA, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias existem dois outros: a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos, com sede em Independent, Missouri, EUA, e a Igreja de Cristo do Lote do Templo, situado em Bloomington, Illinois, EUA.

Sua Crença

Apesar das diferenças dos grupos, os mórmons possuem doutrinas comuns que tiraram do cristianismo, do judaísmo, do maometismo e de outros credos. Essas doutrinas são contraditórias, por causa de suas muitas revelações, que continuam ocorrendo até hoje, pois os profetas vivos também são muito

importantes para eles. À primeira vista, parece que algumas de suas doutrinas são bíblicas, pois os mórmons conhecem e estudam a Bíblia, apesar de interpretá-la à luz das revelações de seus profetas. Por isso suas doutrinas não entram em conformidade com o Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista. Os mórmons acreditam em muitos deuses e afirmam que o próprio Deus já foi homem (não no sentido de encarnação de Cristo). Os mórmons do sexo masculino têm a possibilidade de atingir a deidade. Jesus Cristo, por sua vez, foi um espírito preexistente, como todos os homens o são. No mormonismo, há a crença de uma salvação geral, para toda a humanidade e de uma salvação pessoal (tudo pelas obras, ou seja, pela obediência aos preceitos e cerimônias da seita). Há, para eles, três níveis de glória: o reino celeste, o reino terrestre e um reino para os que não receberam o testemunho sobre Cristo.

Por isso, o casamento mórmon somente é válido se realizado perante suas próprias autoridades, em determinados lugares; há o casamento terrestre e o celeste. A poligamia é defendida no sentido de libertar maior número de mulheres para a eternidade.

Através do estudo da Bíblia, aprendemos que: Deus é único e imortal; é espírito e não carnal; é santo e não sensual (I Tm 6.16; Sl 23; At 7.55,56; Jo 1.18; 4.24;6.46; Hb 9.14; Tg 1.13; I Pe 1.16); Jesus Cristo é a imagem do Deus vivo (Jo 1.1-14; Cl 1.16,17; Hb 1.2); a salvação é pela fé em Jesus Cristo (Jo 3.36; 14.6; At 4.12; Rm 5.8,9); o casamento monogâmico é aprovado por Jesus e pelas Escrituras (Mt 19.5-9; I Tm 3.2; Ef 5.24-33). Cinco textos bíblicos se aplicam ao erro do mormonismo: Mt 7.15; II Co 11.13; II Pe 3.16; Ap 2.2; 22.18.

O Pensamento Mórmon e o Pensamento Metodista

A Igreja Metodista aceita e pratica uma vida cristã comunitária e pessoal como expressão da experiência pessoal com Jesus Cristo, como Salvador e Senhor (Ef 3.14-19). Se, para o mormonismo, o Espírito Santo é mais um deus da Trindade, os metodistas crêem que o poder do Espírito Santo é fundamental para a vida da comunidade da fé (Jo 14.16,17) e é um só com Deus Pai.

Se os mórmons demonstram certo racismo (veja no Brasil para ganhar adeptos) e querem libertar as mulheres pela poligamia, o metodismo defende os direitos de todas as pessoas e se preocupa com os aspectos sociais de sua proclamação (Lc 4.16-20). Os metodistas colocam-se enfaticamente contra a discriminação e lutam para superá-la. Se os mórmons se consideram descendentes do sacerdócio de Melquisedeque (que confere o direito de presidência e autoridade sobre os oficiais) e de Arão (perpetuando na pessoa de seus diáconos,

professores e jovens candidatos), o metodismo procura desenvolver a doutrina do sacerdócio universal dos cristãos (I Pe 2.9) e crêem em Jesus Cristo como sumo-sacerdote para sempre (Hb 7.21-24; 10.18-21). Os mórmons demonstram uma aceitação da Bíblia, mas a interpretam à luz de seus profetas; segundo o Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista, a Palavra de Deus é elemento básico para o despertamento e a nutrição da fé (II Tm 3.15; Lc 24.25-27; Gl 3.22).

Enquanto os mórmons estabelecem três níveis de reino, os metodistas confiam que Deus está com o seu povo, vai à frente e é a garantia da concretização do Reino de Deus no presente e no porvir. Mesmo que haja forças do mal lutando contra o Reino, a esperança dos metodistas reside naquele que as venceu, Jesus Cristo. Os primeiros frutos do Reino são a garantia da vitória final e ajudam os cristãos na perseverança de sua caminhada (Ex 3.7-15; Mt 28.20; Sl 2; Rm 8.37-39; Gl 5.5; Ef 4.4; I Co 15.55-58). Outrossim, existem aspectos positivos no mormonismo, como: o trabalho intensivo de seus adeptos para fazer conhecida sua mensagem, ainda que incorreta à luz das Sagradas Escrituras e dos ensinamentos metodistas; o valor dado ao estudo, à educação e à literatura; a prática do dízimo; a abstenção dos vícios; a organização de suas missões estrangeiras. Existem também seus aspectos negativos, como: mudanças efetuadas no Livro de Mórmon, através dos anos, por causa dos plágios, anacronismos e profecias falsas; as novas revelações que contradizem as antigas; a permissão da poligamia e os sacerdócios perpetuados de Melquisedeque e Arão; o racismo.

Apesar da aparência de grupo cristão, o mormonismo não segue os ensinamentos comumente aceitos pelas denominações cristãs, expressos na Bíblia. Por isso, os protestantes precisam estar atentos e preparados para o diálogo com os mórmons.

Para a Reflexão da Classe

1. Se os mórmons são sinceros em suas crenças, devemos emitir críticas justas a sua fé e à base dela, o livro de Mórmon? Por quê?
2. Para debater com um mórmon, não devemos fazê-lo de modo pessoal, mas com bases históricas e teológicas. Quem pode fazê-lo?
3. Os mórmons praticam cultos e ritos secretos, e seus sacerdotes comunicam-se com os mortos. Compare isso com I Pedro 2.9, 10; Romanos 8.24, 25 (esperança cristã) e Deuteronômio 18.9-14 (sobre a consulta aos mortos).

Seitas Orientais



Lc 12.22-31

PAVIA DE DEUS

MA 5, 14, 16

No dia 3 de julho de 1971, saiu um artigo no Jornal do Brasil, narrando a visita do chanceler da Igreja Messiânica, Sr. Takaaki Nakaano, ao Brasil. Foi ao Rio de Janeiro e a Brasília, onde teve um encontro com o então ministro Gibson Barbosa e ilustres parlamentares. Declarou aos jornalistas que toda a estrutura da Igreja Messiânica repousa no Johrei, e que a Igreja prepara as pessoas para serem veículos da luz divina e irradiá-la aos semelhantes, para que todos possam habitar no paraíso terrestre.

Esta é uma das seitas orientais. Você já deve ter ouvido falar em Hare Krishna, Seicho-no-iê, Moonismo, Missão da Luz Divina, Meditação Transcendental, Movimento Bhagwan, Perfect Liberty, Baháismo. Estes movimentos filosóficos-religiosos chegaram ao Ocidente através das missões estabelecidas pelas próprias seitas ou dos imigrantes japoneses. Eles têm atraído o povo das Américas e do Brasil pela ênfase à meditação, com o objetivo de encontrar a verdade dentro de si mesmo e liberar a energia positiva, numa sociedade agitada pela massificação, pela tecnologia e pelo consumismo.

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira: Lc 12.22-31 - Jesus mostra como o povo está ansioso pela vida.
terça-feira: Lc 4.16-30 - Jesus, o verdadeiro Messias.
quarta-feira: Jo 1.1-14 - Jesus, a palavra de Deus que vem ao Mundo.
quinta-feira: At 3.11-26 - Jesus ressuscitado é o fundamento da fé cristã.
sexta-feira: Mt 6.9-15 - O modelo de oração cristã
sábado: 2 Pe 4.12-19 - O sofrimento por Cristo é privilégio.

Origem

As seitas orientais se originaram na Índia, no Japão, na Coreia e na Pérsia e foram organizadas mediante a iluminação de um líder, insatisfeito com a religião de seus pais. Chegaram ao Brasil principalmente a partir da década de 70, trazendo consigo os princípios de religiões como o hinduísmo, o xintoísmo, o budismo e o islamismo. Em geral são sincréticas, pois reúnem em si elementos de várias religiões e de outras seitas.

Organização

Cada seita possui uma estrutura própria, publica e divulga sua literatura e promove suas missões para ganhar novos adeptos. Possuem seus próprios livros sagrados, em geral escritos por seus fundadores.

Estratégia

A pessoa abordada por seus adeptos é incentivada a continuar em sua religião de origem, mesmo depois de se filiar à seita. Procuram abordar principalmente os jovens, mais vulneráveis às mudanças.

Crenças Comuns

A religiosidade oriental possui doutrinas características:

- **Panteísmo** (Deus está em tudo e em todos) - deve-se ao fato de serem panteístas, a ênfase que dão ao cuidado com a natureza, defendendo uma agricultura natural, sem adubos ou inseticidas e propagando o Ikebana (arte com elementos da natureza).
- **Reencarnação**- (a purificação da alma ocorre pelo nascimento em vários corpos, de várias gerações). O conceito de salvação baseia-se no próprio esforço, no trabalho em favor da seita, na repetição de mantras (frases de conteúdo filosófico-religioso) e na reencarnação.

As seitas orientais falam em Deus, mas numa concepção diferente do cristianismo. Jesus Cristo mais uma emanção do divino, um avatar, e não o salvador. A Bíblia é citada de maneira vaga, pois as obras existentes das seitas são mais relevantes. Alguns utilizam a Bíblia e a interpretam para seu próprio benefício.

O objetivo da maioria das seitas orientais é a unidade do gênero humano e das religiões. Esses grupos religiosos influenciaram o movimento Nova Era, que divulga idéias vindas do oriente, do cristianismo e do islamismo.

Particularidades de Algumas Seitas

▶ **A Meditação Transcendental**

Divulga princípios do hinduísmo. Seu fundador, Maharishi Mahesh Yogi, organizou centros em várias cidades do mundo para formar professores que influenciavam as pessoas com suas idéias. Maharishi também declarou, em 1975, o nascimento de uma nova era para a humanidade. Dos cursos ministrados na Universidade Européia de Investigação Maharishi, na Suíça, deve surgir o chamado "Governo Mundial da Idade da Iluminação", visando controlar o desenvolvimento da consciência das pessoas do mundo todo.

▶ **Igreja Messiânica Mundial**

Prega o limiar de uma nova era, quando ocorrerá o paraíso na terra. Seu líder Meishu Sama construiu três protótipos desse paraíso, em Hakone, Atani e Kioto (solos sagrados). Sua doutrina característica é o Johrei, ou purificação (comunicação de energia espiritual para purificação do corpo e despertar da natureza divina, realizada pela meditação). A semelhança de outras seitas orientais, a Igreja Messiânica promete curas através da meditação.

▶ **Teosofia**

É a doutrina das raças e sub-raças da humanidade, admitindo a vinda de um cristo a cada início de uma sub-raça. O novo cristo, segundo os teosofistas unirá todas as religiões.

▶ **Seicho-no-ié**

Não admitem o mal, a doença, a dor e a matéria. Considera-os produtos da imaginação das pessoas.

▶ **Perfect Liberty**

Afirmam que não há sofrimento, enaltecem a não atuação do próprio ego e estabelecem os preceitos que ajudam a pessoa a alcançar a perfeita liberdade.

▶ **Movimento Bhagwan**

Enfatizam a destruição do eu, como possibilidade de nascer de novo e auto-realizar-se. A pessoa pode tornar-se Buda (iluminado), seguindo as orientações do líder da seita.

▶ **Hare Krishna e Moonismo**

Recebem críticas pela lavagem cerebral e programação mental efetuada nos adeptos através da repetição de mantras, do sono insuficiente e da falta de alimentação adequada de tal forma que, em certos casos, a desprogramação é impossível.

Como metodistas, não podemos nos deixar enganar pelos princípios orientais, ainda que alguns pareçam convenientes e importantes. A Igreja Metodista adota os princípios de fé fundamentados nas Sagradas Escrituras, dadas por homens inspirados pelo Espírito Santo e que contêm tudo que é necessário para a Salvação e para a prática da fé. Aceitamos o Credo Apostólico, os Vinte e Cinco Artigos de Religião do metodismo histórico e os Sermões e Notas de Wesley, bem como o Credo Social. Portanto, textos dos movimentos orientais, apesar de seu conteúdo filosófico-religioso, não servem como nossa regra de fé e prática, pois expressam idéias que se contradizem com nossos princípios.

Deus

Os metodistas creem em Deus, em Jesus Cristo e no Espírito Santo como apresentados nas Sagradas Escrituras: Deus Pai, Criador Pessoal - infinito do universo (Gn 1.1); Jesus Cristo o Deus todo-poderoso que se tornou homem para morrer pelos pecados do mundo (Jo 1.1). É em Cristo que está a salvação do homem e da mulher.

Salvação

Como cristãos, os metodistas não aceitam uma auto-salvação pelo esforço, mas sim uma salvação efetuada pela graça de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo, como Salvador e Senhor. O metodismo também requer uma vida de disciplina pessoal e comunitária, que está longe do que ocorre em algumas seitas (Johrei, meditação transcendental, repetição de mantras). A busca da perfeição cristã é proclamada pelos metodistas em termos de amor a Deus e ao próximo (Lc 11.25-28); concretiza-se em atos de piedade (leitura bíblica, oração, jejum, cultos, Ceia do Senhor) em atos de misericórdia (ajuda aos pobres, necessitados e marginalizados - At 2.42-47).

O Corpo

Em contraposição à idéia da desvalorização do corpo, da destruição do eu, o metodismo demonstra permanente compromisso com o bem-estar da pessoa total, não só espiritual mas também social (Lc 4.16-20). Os problemas sociais existem e devem ser solucionados mediante a participação ativa da Igreja, quer denunciando as causas da miséria, quer anunciando a verdadeira libertação que o Evangelho de Jesus Cristo oferece às vítimas da opressão, quer envolvendo-se em projetos sociais.

O Paraíso

Em relação ao paraíso, para os metodistas, o verdadeiro paraíso não está no aspecto físico, pois o Reino de Deus significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da

completa paz. Tudo isso é introduzido pelo Espírito Santo, como semente que brotará no coração daqueles que aceitam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor (Rm 8.23; 2 Co 7.21-22). Integradas às comunidades cristãs as pessoas recebem condições para viver, trabalhar e construir suas vidas; são ajudadas a superar seus conflitos e dificuldades em conjunto com seus irmãos e irmãs. Isso não é auto-sugestão e nem lavagem cerebral; é integração à realidade.

O Mundo

A construção de um mundo melhor, creem os metodistas, será efetuada pelos cristãos, no poder de Jesus Cristo. A comunidade metodista participa da promoção da vida através de movimentos em prol da justiça, da valorização da família, da preservação da natureza, da saúde, educação, política, arte e etc...

O Pai Nosso

Se a Seicho-no-iê tem a ousadia de criticar o Pai Nosso, para os metodistas é o modelo de oração que Jesus nos legou, a fim de que seguíssemos seus principais preceitos. Ali estão expressos: a nossa dependência do Pai, a necessidade de um bom relacionamento com os outros, a participação no Reino de Deus aqui na terra e a glorificação de nosso Deus - tudo isso é contrário aos ensinamentos das seitas orientais. Por isso devemos refletir muito e ajudar aqueles que estão sendo enganados por esses movimentos.

Para a Reflexão da Classe

1. Uma vez que as seitas orientais, em geral, admitem membros de qualquer religião, pode um metodista fazer parte de alguma delas? Por quê?
2. Como ajudar um jovem que está completamente envolvido numa das seitas orientais e cujo comportamento foi prejudicado? Procure informar-se a respeito.
3. Qual a diferença entre oração cristã e meditação oriental?
4. Qual tem sido o nosso testemunho, enquanto cristãos metodistas, diante da presença ostensiva das Seitas Orientais?
5. Que atitudes deverão fazer parte do nosso dia-a-dia, no enfrentamento de situações que desafiam a nossa fé?

Maldição



Rm. 12.9-21

O Pai Nosso

Os metódos criamem Deus... A comunidade metodista... Como cristão, os socialistas... 5. Como ajudar um jovem que está completamente envolvido numa situação de pecado? Obviamente, primeiro precisamos entender a situação. Em contraposição à ideia da desvalorização do indivíduo, o metodismo vê o indivíduo como uma pessoa com dignidade e valor. A salvação é oferecida pela graça de Deus, não por obras. O metodismo também enfatiza a importância da comunidade e da justiça social. Como ajudar um jovem que está completamente envolvido numa situação de pecado? Obviamente, primeiro precisamos entender a situação. Em contraposição à ideia da desvalorização do indivíduo, o metodismo vê o indivíduo como uma pessoa com dignidade e valor. A salvação é oferecida pela graça de Deus, não por obras. O metodismo também enfatiza a importância da comunidade e da justiça social.

Para a Reflexão da Classe, peça para que os alunos... Como cristão, os socialistas... 5. Como ajudar um jovem que está completamente envolvido numa situação de pecado? Obviamente, primeiro precisamos entender a situação. Em contraposição à ideia da desvalorização do indivíduo, o metodismo vê o indivíduo como uma pessoa com dignidade e valor. A salvação é oferecida pela graça de Deus, não por obras. O metodismo também enfatiza a importância da comunidade e da justiça social.

5. Como ajudar um jovem que está completamente envolvido numa situação de pecado? Obviamente, primeiro precisamos entender a situação. Em contraposição à ideia da desvalorização do indivíduo, o metodismo vê o indivíduo como uma pessoa com dignidade e valor. A salvação é oferecida pela graça de Deus, não por obras. O metodismo também enfatiza a importância da comunidade e da justiça social.

Em relação ao pecado, para os metodistas, o verdadeiro pecado não está no aspecto físico, pois o Deus bíblico é Deus também o surrimento do povo mundo. A verdadeira vida de perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da



Leituras Bíblicas para a Semana

- segunda-feira:** Lv 26.14-39 - A maldição, junto às leis, tinha a função desmotivadora da quebra da instrução divina.
- terça-feira:** Dt 27.15-26 - A maldição como desencorajadora da prática de pecados ocultos (atos não verificáveis).
- quarta-feira:** Dt 24.16; Ez 18.20 - Uma reação negativa à maldição familiar.
- quinta-feira:** Jz 17.2; 21.3; Dt 23.6; Ne 13.2; Sl 109.28 - A maldição está sujeita à bênção de Deus.
- sexta-feira:** Jó 31.30; Sl 10.7; 59.13; Os 4.2 - O justo se abstém de amaldiçoar, mas o ímpio sempre recorre à maldição.
- sábado:** Lc 23.34; At 7.59 - Jesus proíbe amaldiçoar, mesmo os seus perseguidores.

Observações preliminares

O tema "maldição", na Bíblia, deve ser analisado a partir de quatro pressupostos básicos: primeiro, "amaldiçoar" não foi uma prática originalmente israelita, mas um fenômeno universal que o povo bíblico apropriou de seus vizinhos; segundo, os israelitas, ao apropriarem-se de qualquer prática religiosa alheia à sua, submetiam-na ao crivo de sua fé, procurando, assim, eliminar toda e qualquer impureza que viesse contaminar e estragar a harmonia entre eles e Deus; terceiro, ao apropriarem-se da prática de "amaldiçoar", parte do povo israelita exagerou, chegando, em momentos, a se perder e se confundir com os povos vizinhos; quarto, o grande referencial para a prática da Igreja Cristã deve ser a posição de Jesus.

Ao tomar este complicado tema para estudar, é preciso ser cauteloso quanto à incrível diversidade de uso de "maldições" no Antigo Testamento. Nesse caso, não é possível tomar todas as ocorrências bíblicas e analisá-las em conjunto, mas é preciso lê-las com um critério de estudo, a saber: a partir de quem pronunciou a maldição e do livro ou da tradição que registrou a ocorrência.

As principais ocorrências da maldição no Antigo Testamento

Antes de abordar o tema no Antigo Testamento faz-se necessário conhecer um pouco de suas origens.

A Maldição entre as religiões do Antigo Oriente Médio

Não se pode tratar do tema "maldição" no Antigo Testamento sem, primeiro, falar sobre esta prática e costume entre os povos vizinhos, contemporâneos do Israel bíblico.

É interessante perceber que a "maldição" ganhou muito campo e popularidade no meio das religiões, pois este assunto toca profundamente o sentimento das pessoas carentes, perseguidas e indefesas, bem como dos ímpios e malfetores. Este é um terreno muito fértil para o crescimento de crenças, feitiçarias, magia etc. Foi, em meio a este ambiente de incapacidade física e financeira, bem como de ódio e interesses obscuros, que prosperou esta visão mágica da vida. As religiões dos povos vizinhos a Israel recorriam à maldição com uma liberdade tamanha que choca a qualquer cristão. Por ser uma defesa mágica dos perseguidos e indefesos, ou uma arma terrível nas mãos de pessoas más e violentas, a prática da maldição se popularizou com tal força que atingiu a vida religiosa de Israel.

A maldição como auto defesa foi um aspecto, posteriormente, ofuscado pelos objetivos de vingança e obtenção de vantagens sobre os adversários. A

literatura contemporânea ao Antigo Testamento, pertencente aos povos vizinhos a Israel, mostra fatos e variados tipos de orações para lançar ou para quebrar maldições. Inscritções fenícias atestam o uso de maldições para evitar que seus tratados fossem quebrados pelos parceiros internacionais. Num desses tratados, três de seus deuses foram invocados contra as pessoas que infringissem os compromissos estabelecidos. Eis a letra desse tratado: "Que Baal Samem, Baal Malaga e Baal Safon possam suscitar um vento do mal contra seus navios, desfazer suas amarrações... que uma forte onda possa afundá-los no mar..." A verdade é que a prática da maldição foi plenamente utilizada pelos povos vizinhos de Israel, e suas respectivas religiões.

B. Principais ocorrências da maldição no Antigo Testamento

Como já foi dito anteriormente, há uma diversidade enorme de situações em que ocorre a maldição. Entretanto, para não se perder na imensidão de ocorrências, é preciso agrupá-las por situações de uso. Assim:

1. Nas leis - civil, pública e sagrada - é muito comum o uso da maldição. Seu objetivo é garantir a palavra verdadeira de um juramento, de um testemunho, bem como a observância de um contrato ou tratado, a segurança dos registros, monumentos e instituições. Por exemplo, o livro de Deuteronômio contém uma longa série de maldições após a exposição das leis (Dt 27-28; conferir Lv 26.14-39). Isso significa que a maldição (exemplo: "maldito aquele que se deixar corromper..."), colocada ao final de cada código de lei, tinha alguns propósitos: primeiro, era um instrumento desestimulador ou desencorajador de quebra da lei e do juramento; segundo, ela provocava um sentimento de temor na pessoa, desestimulando-a à quebra daquela lei.

Além disso, é preciso observar um detalhe interessante nas maldições contidas em Dt 27.15-26. As maldições, aqui, foram dirigidas para determinadas leis proibitivas não averiguáveis. Por exemplo, "maldito aquele que deslocar os limites do terreno do seu vizinho" (verso 17) ou "...aquele que se deitar com a madrasta" (verso 20). A formulação dessas maldições sugerem algumas conclusões: primeiro, são leis enraizadas nas tradições primitivas de Israel; segundo, as maldições eram pronunciadas numa cerimônia dirigida pelos sacerdotes levitas e respondida pelo povo ("e o povo responderá... Amém!"); terceiro, a cerimônia provocava temor no povo, desestimulando-o ao pecado; quarto, as maldições possuíam ligações diretas com as leis e mandamentos contidos no texto sagrado, evitando, assim, a irresponsável proliferação de novas maldições; quinto, estas maldições foram tomadas de proibições não averiguáveis. Por exemplo, é difícil provar que um acusado aceitou suborno para matar uma pessoa inocente (verso 25).

2. **Maldição para forçar a responsabilidade familiar** é outra forma de intensificar o convívio tranquilo de uma grande família. A fórmula de responsabilidade dos membros de uma família - "... visitar a culpa dos pais nos filhos (netos e bisnetos), até a terceira e quarta geração" (Êx 20.5; Nm 14.18; Dt 5.9) - deve ser vista e interpretada a partir da organização dos clãs (grandes famílias). Um clã abrangia até quatro gerações, como era a família de Jacó. A conduta era um fator importante para cada membro. Caso alguém quebrasse a lei, toda a família sofreria os danos decorrentes do pecado dessa pessoa. O bom comportamento era levado tão a sério, em Israel, que as leis e costumes eram elaboradas com dispositivos para desencorajar qualquer tentativa de infringi-la. Entretanto, observa-se em textos como Dt 24.16; 2 Rs 14.6; 2 Cr 25.4; Ez 18.20 uma reação contrária à "maldição familiar". Certamente, a palavra de Êx 20.5 trouxe muitas complicações para a convivência do povo, e um grupo de crentes não hesitou em reinterpretá-la (Jesus fez o mesmo! - Mt 5. 38-42). Foi uma decisão sábia e oportuna.

3. **A maldição**, em Israel, foi perdendo o seu caráter mágico para ser tornar um instrumento da justiça de Deus, buscando o bem-estar das pessoas. Ao contrário do que acontecia entre os povos vizinhos, a maldição deixou de ter poderes destrutivos incontroláveis nas mãos de pessoas de índole má e violenta.

No Antigo Testamento a maldição está sujeita à ação da bênção (Jz 17.2; Dt 23.6; Ne 13.2), pois a autoridade para amaldiçoar pertence, quase que exclusivamente, a Javé (Gn 12.13; Nm 23.8). O Seu grande propósito é abençoar e, por isso Ele frustra, através da bênção, uma maldição já pronunciada (Sl 109.28), ou, mesmo, imuniza a pessoa humilde contra a violência da maldição (2 Sm 16.12) e protege o justo que não merece isso (Pr 26.2). Enfim, Ele está sempre pronto a impedir que a maldição caia sobre as pessoas justas. Na passagem referente ao Servo do Senhor (Is 52.13 - 53.12; conferir I Pe 2. 24,25), todas as agressões sofridas pelo servo foram carregadas por Deus. Na história de Balaão, Deus impede que a maldição caia sobre Israel (Nm 23.8; Ne 13.2).

4. **A prática de amaldiçoar é raramente mencionada no Novo Testamento**. A atitude de Jesus deve servir como princípio norteador para toda a Igreja, pois Ele proíbe amaldiçoar os perseguidores e adversários (Lc 23.34; conferir At 7.59), recomenda aos seus discípulos amarem os inimigos (Mc 5.44; conferir Rm 12.14,20), bem como perdoar todo mal pronunciado e cometido contra eles (Mt 6.14; 18.21-35). Mas a palavra direta e definitiva de Jesus para alguns de seus discípulos, que insistiam em crer ou temer a maldição, é: "abençoi os que vos mal dizem, orai pelos que vos perseguem" (Lc 6.28; conferir Rm 12.14; Gl 3.13).

Lições que podemos tirar para hoje

O tema maldição foi analisado a partir da Bíblia, respeitando a diversidade de usos do tema. Cada texto tem a sua personalidade própria e precisa ser res- peitado como tal. Buscou-se, neste estudo, comparar os textos bíblicos com os que pertencem aos povos do Antigo Oriente Médio (contemporâneos aos escri- tos bíblicos). Não foi tentado analisar o tema a partir da prática e das ocorrênci- as, hoje, no Brasil. Seria muito complicado assim fazer, pois a realidade contem- porânea está pontilhada de fatos novos provenientes, especialmente, das religi- ões espiritualistas (Umbanda, Quimbanda, Candomblé etc). Diante disso, bus- cou-se uma orientação bíblica para compreender e enfrentar o problema com alguma autoridade.

1. A Bíblia tem a melhor resposta para o fenômeno da maldição (mas é preciso estudar o tema com critério e método!). A mensagem bíblica representa muitos séculos de experiência e prática na vida do povo crente. É a palavra de Deus proclamada, ouvida e vivenciada, pelo povo fiel, através de séculos de lutas pela vida e sacrifício para testemunhá-la. O fenômeno "maldição" ocorreu no período do Antigo Testamento, entretanto o conhecimento de sua prática fez com que Jesus Cristo recomendasse aos seus discípulos que buscassem o cami- nho da bênção e evitassem a maldição. É muito sugestiva a proibição de amaldi- çoar. Nela, Jesus revela toda a sabedoria divina que comunica aos seus discípu- los de ontem e de hoje.

2. O conflito "bênção e maldição" no Antigo Testamento: uma lição de vida. Quando Deus estabeleceu sua Lei (instrução), Ele a instituiu com a finalida- de de construir uma sociedade justa, feliz e harmônica. Sua Torá (lei, ensino, instrução) é o dedo apontado para o caminho da vida. Manter-se neste caminho (Dt 28.1) é desfrutar das bênçãos que o próprio Deus promete dar. Desviar-se para a direita ou para a esquerda é cair no âmbito da maldição (Dt 27.14-26). O silêncio do Novo Testamento para com a prática da maldição é, acima de tudo, uma opção pela vida.

3. A maldição e as desgraças da vida. Os salmos de queixa e lamentação são testemunhos de que o povo de Deus foi visitado frequentemente pelas enfer- midades e desgraças. Ao se queixar diante de Deus, o salmista sempre procurou saber pela causa do sofrimento. Isso tem origem na maldição ou é um problema pessoal? Tendo origem externa ou interna, o salmista queixoso buscava um úni- co caminho, a saber, Javé, o Deus dos oprimidos que nunca frustrou os seus fiéis (Êx 3.1-10; Sl 40). Na história do povo de Deus, este constante gesto foi repor- tado para servir de exemplo aos crentes quando enfrentassem os mesmos pro- blemas (I Rs 8.33-40; Sl 6; 38; 32).

→ 4. Pecado e maldição. Muito tem-se falado, nos dias atuais, da ameaça da maldição. Cresce o número de crentes que vivem mais procurando meios para evitar (ou melhor, "quebrar", "amarrar") a maldição, do que buscar, consciente e honestamente, corrigir-se dos seus maus caminhos. Para tais crentes, é mais confortável fugir de si mesmos ou esconder os seus pecados, colocando toda a culpa de suas falhas e desgraças na maldição ou na ação de satanás. Por esta razão, em certos círculos de crentes, fala-se mais em satanás do que em Jesus. Entre esses grupos, satanás é alvo de um fanático e estéril ódio. Em consequência disso, cresce, entre os cristãos, uma assustadora tendência pagã, que se preocupa mais em combater satanás (guerra espiritual) do que servir fiel e lealmente ao Senhor. No fundo, essas pessoas estão cometendo um grave erro contra elas mesmas, pois não assumem a responsabilidade de seus próprios atos pecaminosos, pondo a culpa de seus erros na maldição, no tentador etc (Tg 1.12-15). De fato, estas tendências, bem perceptíveis entre os crentes, apontam para o neo-paganismo.

Para a Reflexão da Classe

1. Que idéias, práticas ou situações costumam surgir ao nosso redor apontando para a existência da maldição?
2. Como cristãos temos estado imunes a tais influências? Por quê?
3. Quais as diferentes formas, através das quais manifestamos nas nossas vidas o cumprimento das palavras de Cristo: "Abençoai os que vos malzem, orai pelos que vos perseguem" Lc 6. 28?



A Teologia da Prosperidade (uma avaliação)

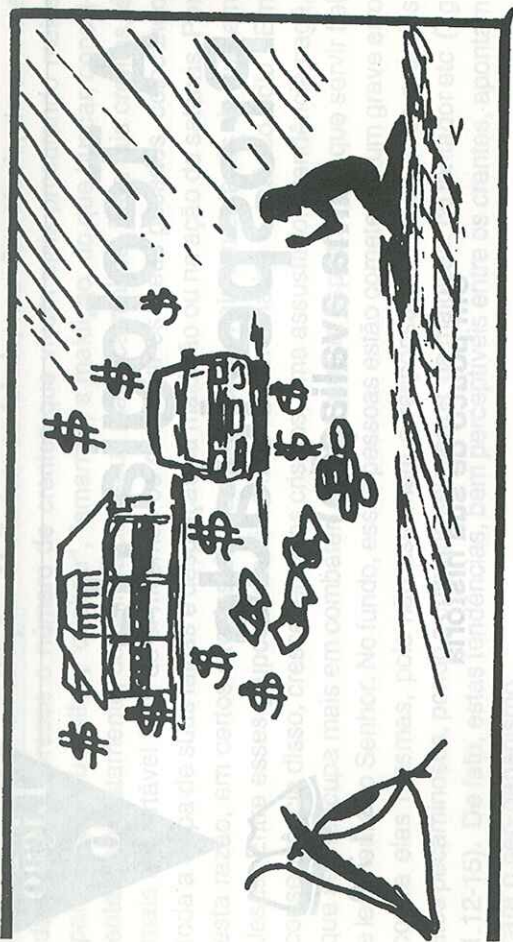
Um pouco de sua história

Nas décadas de 60 e 70, espalhou-se pelas igrejas dos Estados Unidos, especialmente aquelas de tendência pentecostal, um movimento cuja afirmação principal é garantir saúde integral, sucesso total nos empreendimentos, enfim, prosperidade a todas as pessoas que cumprem a vontade de Deus, através de suas vidas. Embora não conheçamos a maioria dos líderes desse movimento, os evangélicos brasileiros conheceram Jimmy Swegart, um "evangelista" que frequentou os nossos televisores à custa de milhões de dólares. Não fora os muitos de seus escândalos descobertos, juntamente com outro "evangelista", Jim Bakker, hoje ainda teríamos suas pregações nas emissoras de televisão brasileiras. Residindo nos Estados Unidos, no final da década de 70, pude assistir, através da televisão, o auge desse movimento, quando multidões enchiam imensos templos, estádios, parques públicos, em busca da orientação e proteção de Deus para alcançar a fama, sucesso e dinheiro. Foi no impulso desse movimento que veio o contraditório "dente de ouro" e outras manifestações religiosas bem estranhas.

Leituras Bíblicas para a Semana

Textos que dificultam os argumentos da Teologia da Prosperidade.

segunda-feira:	Js 52.13 - 53.12 - As descrições do Servo do Senhor.
terça-feira:	2 Rs 23.28-30 - A morte prematura do rei Josias
quarta-feira:	2 Rs 24.20-25 - A destruição de Jerusalém e o cativo do povo de Deus
quinta-feira:	Sls 22; 53; 54 - As queixas e Lamentações do povo diante de Deus.
sexta-feira:	Lc. 2. 1-7 - O nascimento de Jesus numa estrebaria
sábado:	Lc. 23. 27-49 - A morte de Jesus numa cruz.



Como uma bomba de efeito retardado, a teologia da prosperidade chegou ao Brasil, através de uma perfeita divulgação. Assim, de repente, as "livrarias evangélicas" começaram a vender enorme quantidade de livros e fitas divulgando esta novidade. Foi assim que um dos mentores dessa doutrina, Kenneth Hagin, tornou-se um sucesso de vendas nas "livrarias evangélicas", no Brasil. Daí suas idéias espalharam-se pelas igrejas.

O que pensa a teologia da prosperidade

Em 1981, a Editora Vida publicou o livro "Aprenda a viver como um filho do rei", escrito por Harold Hill e Irene Harrell. Como propaganda de capa, encontramos a frase que esclarece bem o objetivo do livro: "A fórmula para viver que tem transformado milhões de vidas". Os autores desse livro partem do princípio que a vida vitoriosa é alcançada através da obediência a determinadas regras. Para eles, Deus estabeleceu uma regra básica de conduta: acreditar na ação do Espírito de Deus (1 Co 2.14). Segundo eles, o que impede a ação do Espírito é o próprio ser humano. Assim eles escrevem: "o obstáculo número 1 à vida vitoriosa é a 'paralisia da análise', causada pelo computador enfermo que cavalga em nossos ombros (a nossa cabeça), a mente racional do senso comum, aquilo que chamo de caixa idiota instruída".

Não é difícil perceber que os autores tratam a pobreza e a enfermidade, entre as pessoas, como um problema de cabeça. Se a cabeça, isto é, a 'caixa idiota instruída', for obediente a Deus, tudo vai dar certo na vida. Argumentando contra esta teoria, Ricardo Gondim, no livro "O evangelho da Nova Era" (Abba Press, 1993), conta um fato ocorrido durante um culto: "o culto se desenvolvia

com um clima de consternação e quebrantamento, pois pela manhã ouvimos o testemunho do missionário que perdera seu filho em um acidente automobilístico, voltando para casa depois de se formar no seminário. Em seguida, uma mulher pediu para dar seu testemunho e disse: 'Meu filho foi acidentado hoje pela manhã. Seu carro caiu no rio, submerso por mais de cinco minutos. Passava, por ali, um desconhecido que pulou nas águas e o resgatou. Quero que vocês saibam que Deus sempre salva os seus filhos de desgraças'. Quando aquela mulher pronunciou a palavra 'sempre', caiu um peso de consternação sobre nós, pois o missionário que perdeu o filho chorava" (p. 89).

Voltando ao livro "Aprenda a viver como um filho do rei", é interessante encontrar a base sobre a qual a teologia da prosperidade apoia suas teorias. Em princípio, todos os seres humanos são filhos do rei (Deus, Jesus). Se Deus é Pai, Ele nos ama, mas, teoricamente, nem todos recebem os mesmos benefícios do "rei". Por quê? É preciso descobrir as fórmulas. O livro foi escrito para revelar as fórmulas de merecer a graça do "rei". Para tanto, os autores orientam os "filhos do rei" a obter êxito em tudo (p. 21-24). Eis algumas de suas fórmulas: como fazer o dinheiro render mais (p. 41-46); como evitar acidentes de carro, furações, bombas incendiárias e chuva de foguetes (p. 11-126); como louvar a Deus por problemas com o carro (p. 127-138); como consertar, com rapidez, maquinaria de alto custo (p. 155-164); como vencer numa discussão com intelectuais (p. 165-170); entre outras questões.

Avaliação crítica sobre a teologia da prosperidade

▶ (1) A natureza de Jesus foi mudada na cruz? A morte de Jesus numa cruz é, certamente, um grande problema para os teólogos da prosperidade. Da mesma forma, as descrições do Servo do Senhor (Is 52.13 - 53.12) trazem grandes dificuldades para a elaboração de seus argumentos. O caminho da cruz, percorrido por Jesus, foi compreendido pelos primeiros discípulos, como uma legítima interpretação do Servo do Senhor, no livro de Isaías. Quanto ao sofrimento de Jesus, eles negam que a dor tenha sido física e literal. Para eles, tudo o que Jesus fez em sua substituição foi feito no seu Espírito: foi seu Espírito que se tornou pecado e sofreu tormentos do juízo pela humanidade.

▶ (2) Seria o homem um pequeno Deus? Um dos "papas" da teologia da prosperidade escreveu no seu jornal "Palavra da Fé" (dezembro de 1977): "Quando o homem nasce de novo, ele torna sobre si a natureza com Deus. A única diferença entre o homem e Deus torna-se a magnitude: Deus é infinitamente divino e nós ainda finitamente divinos. O crente é uma encarnação de Deus

exatamente como é Jesus de Nazaré". Isso mostra que os adeptos da teologia da prosperidade crêem que possuem, eles mesmos, potencial que os equipara a pequenos deuses.

▶ (3) Seria a pobreza e o sofrimento sinais do abandono de Deus? Toda a pregação dos teólogos da prosperidade faz-nos concluir que não há mal que não possa ser debelado. Hill e Harrell oferecem soluções mágicas baseadas em ações puramente humanas. Afinal, o ser humano passa a ser um pequeno deus, com determinantes poderes para superar os problemas.

▶ (4) Deus se revela somente através dos sucessos? Eis a grande questão que os estudiosos da Bíblia propõem. Fatos como a morte prematura do rei Josias (II Reis 23. 28-30); a destruição de Jerusalém e o cativeiro do povo de Deus (II Rs 24. 20 - 25. 22); as proclamações do Servo de Deus (Is 42. 1-9; 49.1-6; 50. 4-11; 52. 13- 53.12); as queixas e lamentações do povo, diante de Deus, (Slis 22; 53, 54; etc); o nascimento de Jesus numa estrebaria; a morte de Jesus numa cruz; etc, mostram que o sucesso não está presente, como era de se esperar, na história do povo de Deus.

Lições que podemos tirar desse estudo

▶ (1) A teologia da prosperidade sustenta que nenhum filho de Deus pode adoecer ou sofrer, pois isso seria uma clara demonstração de ausência de fé e, por outro lado, da presença do diabo. Ao mesmo tempo, eles chegam ao exagero ao dizer que quem morre antes dos 70 anos é uma prova de incredulidade, imaturidade espiritual ou pecado. Infelizmente, tais crenças estão penetrando em nossas igrejas. Precisamos buscar e conhecer melhor os ensinamentos bíblicos.

▶ (2) O grande erro da teologia da prosperidade é exorbitar nas suas promessas e afirmações. Nos tempos bíblicos, surgiram muitos exagerados pregadores. Eles foram chamados de heréticos, isto é, pregadores de heresias, ensinamentos falsos. É bom nos precaver, pois a heresia é uma verdade bíblica que foi levada ao exagero.

▶ (3) O segredo para combater esta heresia é o conhecimento da Bíblia e a firmeza na doutrina cristã.

"A graça me basta" - Paulo

Para a Reflexão da Classe

1. Como você explica a situação de pobres e ricos na Igreja? As pessoas são mais abençoadas financeiramente porque têm um maior grau de fé?
2. Insistir com Deus usando frases como: "Senhor eu sou teu (tua) servo(a) o Senhor tem que me dar um carro para usá-lo na sua obra", é uma atitude correta mediante a Bíblia?
3. Analise a frase: "Como cristãos(ãs) a nossa preocupação maior deve estar em assumir e renovar o nosso compromisso com Cristo e a partir daí todas as coisas nos serão acrescentadas, o que não se limita apenas à questão financeira".

ANOTAÇÕES

Deus para toda a Sua criação. Ficamos surpresos com o significado da "prosperidade" que o Antigo Testamento nos passa. Apesar de analisarmos extensivamente os textos que nos levam a esta surpreendente definição, nós não podemos descobrir as justificativas para tal posição. Sendo assim, vamos, antes, analisar o lado negativo da prosperidade, tentar buscar o porquê de Deus desejar que os seus filhos e filhas tenham um comportamento diferente.

1. Pilares que sustentam o ensino bíblico

Entre os muitos ensinamentos fundamentais de fé e prática bíblica, cientes de que diretamente estão relacionados ao conceito de prosperidade.

A Prosperidade Que Deus Não Quer



Jr 12.1-6

(O Conceito de Prosperidade na Bíblia)

Na lição anterior, estudamos o tema "prosperidade" como um projeto de Deus para toda a Sua criação. Ficamos surpresos com o significado de "prosperidade" que o Antigo Testamento nos passa. Apesar de analisarmos extensivamente os textos que nos levam a esta surpreendente definição, nós não procuramos descobrir as justificativas para tal posição. Sendo assim, vamos, antes de analisar o lado negativo da prosperidade, tentar buscar o porquê de Deus desejar que o seus filhos e filhas tenham um comportamento diferente.

I. Pilares que sustentam o ensino bíblico

Entre os muitos ensinamentos fundamentais da fé e prática bíblica, citamos os que diretamente estão relacionados ao conceito de prosperidade.

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira: Jr 12.1-6 - Por que os ímpios prosperam? Também Jeremias tinha esta dúvida.

terça-feira: Sl 37 - Apesar da ação destrutiva dos ímpios, Deus sustenta os justos.

quarta-feira: Mt 4.1-11 - Satanás procura, sem sucesso, dominar Jesus através da promessa de êxito. Eis uma grande lição!

quinta-feira: Hc 2.1-4 - Para Deus, o justo tem a cara de fidelidade e não de sucesso.

sexta-feira: Sl 73 - Invejar o próspero é desconhecer a vontade de Deus.

sábado: At 2.42-47 - O sucesso da comunidade cristã é delineado de forma surpreendentemente diferente da que o próspero quer.



► A. A primitiva organização social do povo de Deus

Os pilares que sustentam a organização social e religiosa do povo de Deus têm seus fundamentos na vida pastoril das estepes, no período anterior ao ano 1000 antes de Cristo (antes de Davi se tornar rei de Israel). Pelo que podemos deduzir, através de textos bíblicos, o povo vivia sob um sistema baseado na família. A reportagem feita pelo autor de Atos dos Apóstolos, retrata positivamente o que era esse sistema de vida (At 2. 42-47). Esta organização foi tão boa que marcou profunda e fortemente a vida e a memória do povo de Deus. Nessa organização, o fruto do trabalho era compartilhado com todos os membros da família; o excedente da produção, depois de dividido entre os de casa, era levado para as festas (Páscoa, Colheita e Tabernáculos) e consumido pelos celebrantes. Nesse sistema de vida, a prosperidade era uma conquista das famílias em manter o bem-estar entre todos os membros.

► B. A fé e o conhecimento do Deus Javé

Os profetas fizeram muitas advertências sobre o futuro do povo. Ao rei Joaquim (609-597aC), Jeremias define a forma correta de "conhecer" a Deus (Jr 22. 13-19). Decisivamente, ele nega que "ter olhos para o lucro" (verso 17) seja o caminho para conhecer a Deus. Entretanto, o mesmo profeta acrescenta: "eu falei contigo no tempo de prosperidade; tu disseste: 'Não quero escutar'" (22. 21). É muito perigoso, para o mundo e seus habitantes, ser governado por pessoas egoístas e incompetentes, isto é, que não conhecem a Deus, os seus feitos e as suas instruções (Sl 82. 1-8).

► C. A prazerosa prática da justiça, da misericórdia e da fidelidade a Deus e ao povo

A fidelidade e a justiça são práticas extremamente saudadas nos textos bíblicos e fazem parte da sólida base sobre a qual o povo é instruído e educado. A oração de Neemias (1. 11) e a vida de Daniel (6.29) servem como exemplos, pois são histórias instrutivas que fazem parte do plano educacional das crianças e jovens.

Sendo educados sobre estes fundamentos, podemos até admitir que o crente fiel seja tentado a desviar-se ou abandonar os caminhos de Deus, mas ele possui muitos motivos para confiar nele.

II. A prosperidade indesejada pela Bíblia

Encontramos alguns textos que tratam a prosperidade de forma bastante negativa. É interessante analisar a maneira com que os autores bíblicos rejeitam a prosperidade. Para eles, esse tipo de ganho, de sucesso e de êxito nos empreendimentos da vida conflitam com os princípios básicos da fé. Escolhemos dois textos:

► A. Por que prosperam os malvados? (Jeremias 12. 1-6)

Ao lermos este texto, percebemos que ele é um corpo constituído de duas partes: na primeira, o profeta faz, em tom de queixa, uma tremenda acusação contra Deus (versos 1-4); na segunda parte, temos uma dura resposta de Deus (versos 5-6). Este tipo de diálogo apimentado, entre o profeta e Deus, encontramos em Habacuque (1. 2 - 2. 4) e constitui a preocupação central do livro de Jó. Mas, vamos ao texto.

1. Intenção - A questão geradora da queixa de Jeremias é: "Por que os ímpios prosperam?" Diante disso, o profeta abre um "processo jurídico" contra Deus - "Eu vou abrir um processo contra Ti" (verso 1a). O surpreendente, aqui, é que ele acusa Deus de ter permitido, com seu silêncio, o domínio dos malfetores sobre os justos (comparar Hab 1. 2-4, 12-17).

2. Justificativas - (1) *argumento direto*: Apesar de serem desleais (verso 1b), usarem dos feitos de Deus para encobrirem suas más ações (verso 2), provocarem a destruição dos animais e aves (verso 4a) e propagarem mentiras sobre Deus (verso 4b), esses malvados (como lobos vestidos de cordeiros) prosperam e gozam de tranquilidade (verso 1b); (2) *argumento indireto*: O profeta justifica sua acusação, mencionando algumas consequências danosas provocadas pelos prósperos ímpios: primeiro, a gula de prosperidade alimenta e multiplica a deslealdade (verso 1b); segundo, a ansiedade pelo lucro fácil não tem limites, agredindo e destruindo a natureza - a flora e a fauna (verso 4a) - a ponto de justificar seus atos com uma mentira, "Deus não vê o nosso futuro" (verso 4b).

3. A resposta de Deus para Jeremias - O pequeno diálogo se encerra de modo surpreendente para o profeta: o pior estava por vir. Aqui, o profeta não recebe uma resposta satisfatória e tranquilizadora para o problema do mal e do sofrimento, provocado pelas pessoas prósperas, que ele experimentava na própria carne.

B. A prosperidade dos ímpios incomoda os crentes (Salmo 37.1-40)

Este salmo mostra outro exemplo da crise de fé causada pela prosperidade das pessoas más, egoístas, violentas, opressoras e descrentes. A maior parte do salmo é admoestação (versos 1-11 e 22-40). O restante trata das descrições do inimigo (versos 12-15), do justo e do ímpio (versos 16-26).

1. Intenção: O salmista busca orientar, animar e sustentar a esperança do crente fiel para que este se mantenha firme diante de toda provocação causada pela prosperidade dos ímpios (versos 10, 39-40).

2. Justificativas: Diante do sucesso dos malvados, o salmista recomenda: "não te exaspere", "não invejes" (verso 1); "confia no Senhor e faz o bem, habita a terra e cultiva a fidelidade, põe tuas delícias no Senhor", "confia teu caminho ao Senhor e nele espera", "descansa no Senhor e espera nele, não te exaspere, acalma a ira, reprime o furor" (versos 2 - 8); "evita o mal e faz o bem" (verso 27); "espera no Senhor e segue o seu caminho" (verso 34); "observa o homem íntegro e atenta no que é reto" (verso 37). Todas estas recomendações são justificadas pela fé na atuação de Deus: "Ele satisfará aos desejos de teu coração"; "Ele fará surgir tua justiça como a aurora e o teu juízo como o meio-dia"; o Senhor realizará os desejos de teu coração, "Ele atuará" (versos 4-6); "os malfeitores serão exterminados e os que esperam no Senhor possuirão a terra" (verso 9); "o Senhor se ri do ímpio, porque vê chegando seu dia" (verso 13); "o Senhor firma os passos do homem... porque Ele o sustenta pela mão" (verso 24); Ele ama o que é justo e não sustentará os justos" (verso 17); "Ele conhece os dias dos íntegros" (verso 18); "o Senhor não abandona os que lhe são fiéis" (verso 28); "o Senhor não entrega o justo nas mãos dos ímpios, nem permite que o condenem no tribunal"; "Ele te dará posse da terra" (versos 33-34); "o Senhor socorre e livra os justos" (verso 40).

A extensa lista de justificativas tem sua razão, pois, certamente, a prosperidade cresce entre os ímpios. Em consequência disso, o salmista (bastante perturbado!) escreve esse manual de instrução para os crentes, que poderíamos intitular "Como enfrentar a soberba dos ímpios".

III. Como enfrentar a soberba dos ímpios?

Diante de nós estão duas experiências, mas um só problema: a tentadora ideia de ser financeira ou artisticamente próspero. A difícil experiência de Jeremias

e a crise de fé vivida pela comunidade do salmista podem nos levar a estabelecer uma cartilha orientadora para os crentes.

► A. A Bíblia conhece a prosperidade como uma atitude sábia de enfrentar e responder as agressões da vida com bondade, lealdade, fé, ação justa, solidariedade (Sl 37.6).

► B. A ideia de prosperidade, espúria à Bíblia, é a mesma oferecida a Jesus por Satanás (Mt 4. 1-11; conferir Mc 1.12-13; Lc 4.1-13). É uma prosperidade relacionada a dinheiro, lucro, êxito na vida e sucesso nos empreendimentos pessoais. Na denúncia de Jeremias (12.1-6), os prósperos são inimigos do servo de Deus, cometem perversidade contra as pessoas, contra a natureza, promovem a descrença, enfim, trazem luto à terra. No caso do salmista, o perfil dos homens prósperos é mais amplo, e a repercussão de seus atos é, aparentemente, maior. O gesto dessa gente má provoca sentimentos de indignação e inveja (verso 1), irritação (verso 7), ira, furor e impaciência (verso 8), entre outras reações. Por todas essas razões, a Bíblia distingue dois tipos de prosperidade.

► C. A forma de prosperidade, denunciada por Jeremias e pelo salmista, é extremamente perigosa para a estabilidade e o bem-estar da vida humana. É uma prosperidade que gera pobreza, desnível social, descrença, sacrifício dos mais fracos, falta de sensibilidade para com a natureza, soberba de uns e humilhação de outros, complexo de inferioridade, medo. Tudo isso ocorre porque o valor maior é o dinheiro, a promoção pessoal, o êxito empresarial. Quando a dignidade humana estiver sujeita ao dinheiro, o mundo ficará perigoso para se viver. É por essa razão que o salmista grita: "Socorro, Senhor!" (Sl 12.1); e o profeta Jeremias se impacienta: "Até quando?" (Jr 12. 4). O sistema de vida que a teoria da prosperidade defende está cheio de competições: patrão/empregado; nação rica/nação pobre. Quem for mais forte explora ou elimina o mais fraco.

► D. O texto de Jeremias e o de Salmos ensinam o crente como enfrentar o sistema de vida dos prósperos. Ambos sugerem formas para confrontar esse inimigo. O salmista é mais objetivo e sugere formas de enfrentar essa praga que está apagando da memória do povo o conhecimento de Deus. O texto de Jeremias (12.1-6) reflete toda a perplexidade do crente diante do crescimento de prosperidade e poder dos ímpios. Enquanto isso, o Salmo 37 tenta instruir os crentes fiéis para enfrentar o problema. Quando a Bíblia fala da justiça divina, ela não quer dizer que Deus castiga os pecadores e premia os justos. Se isso ocorresse, os templos estariam abarrotados de pessoas. Acontece que o ensino bíblico acerca da justiça divina não é utilitarista. O princípio "é dando que se recebe" não retrata bem o ensino da justificação. Um outro detalhe deve ser ressaltado: a solução do problema - sobre a prosperidade dos ímpios e o sofrimento dos justos - não é de solução imediata, isto é, a transferência direta dos bens dos ímpios para os

crentes. A Bíblia ensina que a superação desse problema não tem data marcada, mas está na fidelidade do justo (cf Hab 2.4). Tanto Jeremias como o salmista não orientam os perplexos crentes a fugirem para longe dos ímpios, mas a manterem-se firmes na fé. Por isso o grande apelo do salmista é: confiar em Deus (versos 3, 5, 7, 34) e esperar que um dia a justiça divina possa restabelecer a paz na terra.

Para a Reflexão da Classe

1. A forma da prosperidade denunciada por Jeremias e o salmista é perigosa para a estabilidade e o bem-estar do ser humano. Relacione estes textos com a nossa realidade hoje, apontando as consequências que este tipo de prosperidade nos mostra?
2. Comente: "O ensino bíblico acerca da justiça divina não é utilitarista". "O princípio 'é dando que se recebe' não retrata bem o ensino da justiça".
3. Como devemos enfrentar a soberba dos ímpios, segundo o manual de instruções contido no Sl. 37.1-4?

ANOTAÇÕES

A Prosperidade Que Deus Quer

(O Conceito de Prosperidade na Bíblia)



Js 1.7-9

Fundamentalmente, a Igreja Cristã se orienta pela Bíblia. Evidentemente que cada denominação lê e interpreta as Escrituras de maneira peculiar, de acordo com sua experiência histórica, sua tradição e a circunstância em que ela está colocada. Por exemplo, os metodistas enfatizam a santificação, uma atuação equilibrada entre atos de piedade (uma busca de vida santificada) e atos de misericórdia (uma prática de serviço social) como forma de evangelizar. Naturalmente que esta forma de pensar e agir leva-nos a ler e interpretar a Bíblia com algumas ênfases especiais.

Fruto de uma sociedade materialista, onde o dinheiro é o bem mais importante, a teologia da prosperidade ganhou força e adeptos entre os evangélicos da classe média de nossa sociedade. Por essa teoria, riqueza terrena é sinal de fidelidade e bênção de Deus. Este é um pai suficientemente rico para fazer com que os seus filhos e filhas se tornem crentes abastados.

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira: Js 1.1-9 - A prosperidade que a Bíblia fala está sujeita à ação de Deus.

terça-feira: Sl 1 - No confronto entre o ímpio e o justo, o salmista define a prosperidade do segundo como uma vida frutífera.

quarta-feira: Is 48.12-15 - Deus é a origem do êxito humano. É preciso reconhecer isso para que a prosperidade não se torne um motivo de tirania e vanglória pessoal.

quinta-feira: Sl 106 - O salmista exalta os que permanecem nos caminhos de Deus. A prosperidade é vista, por ele, como uma consequência da prática da justiça.

sexta-feira: Dt 29.1-9 - Guardar e cumprir as instruções de Deus são elementos básicos para conhecer e obter a prosperidade.

sábado: Sl 118.25-29 - O povo de Deus, no culto, também pedia por uma vida próspera.

Diante dessa idéia, só nos resta perguntar à Bíblia o que ela tem a nos dizer e orientar sobre o significado de prosperidade, êxito e sucesso pessoal. Será que encontramos alguma base bíblica para a teologia da prosperidade?

I. Orientações preliminares para o nosso estudo

▶ A. Encontramos no Antigo Testamento pelo menos dez diferentes palavras da língua hebraica que pertencem ao mesmo campo de significado, a saber: prosperar, ter êxito e sucesso, sair-se bem, fazer crescer, fortalecer, pacificar, ser frutífero, faltar-se e riqueza.

▶ B. Tomamos como texto de estudo a tradução de João Ferreira de Almeida. Mas é bom que se diga que as traduções do texto Hebraico, sejam quais forem, possuem limitações, pois as palavras hebraicas da Bíblia estão carregadas de sentidos, muitas vezes, desconhecidos por nós. Afinal, a palavra de Deus possui um sentido eterno.

▶ C. Contudo, apesar do nosso precário entendimento das coisas ligadas a Deus, bem como da percepção do sentimento e emoção com que as palavras bíblicas foram proclamadas e ouvidas, colocamo-nos, humildemente, com temor e tremor diante da Bíblia, para este estudo.

▶ D. A Bíblia tem seu próprio conceito de prosperidade, que tentaremos mostrar a seguir. Como este conceito é tão diferente da maioria dos atuais, é necessário que estejamos atentos e abertos à antiga, porém sempre correta, proposta bíblica.

II. Descobrimo o significado de prosperidade na Bíblia

Acostumados a tratar o dinheiro e sucesso como bênçãos de Deus, ficamos surpresos com a definição que a Bíblia dá para "prosperidade". A verdade é que somos educados para fazer do sucesso e do êxito a meta maior da vida humana. Por isso achamos que a impossibilidade de Moisés chegar à terra prometida foi uma derrota. Entretanto, todo testemunho bíblico aponta para uma surpreendente lição: a crise, a dor e o sofrimento são caminhos para a vitória, a libertação. A experiência humana tem provado que este princípio é correto.

▶ A. **O que é prosperar?** Se a prosperidade, prioritariamente, não é obter vantagens pessoais ou ganhar dinheiro, como a Bíblia trata este assunto? Primeiro, o profeta Ezequiel relaciona prosperidade para a casa de Israel com a videira que dá frutos (Ez 17.1-10; cf Sl 1.3); segundo, quando Josué assumiu a liderança do povo, em lugar de Moisés, Deus lhe fez algumas instruções decisivas

que definem a prosperidade: ser forte e corajoso, não desviar dos ensinamentos divinos, não temer e andar nos Seus caminhos (Js 1.1-9); terceiro, na oração de Neemias encontramos uma outra definição de prosperidade: praticar a misericórdia, isto é, ser bondoso e leal para com Deus e os seus semelhantes (Ne 1.11); quarto, muitos textos bíblicos definem o êxito e sucesso na vida com a conduta sábia, o discernimento e a perspicácia no trato com a instrução de Deus (Dt 29.9; I Rs 2.3; Ec 10.10; 11.6); quinto, trazer paz ao mundo também pode ser considerado uma atitude de sucesso (Sl 122.6-7); sexto, o povo de Deus entendia que fazer o bem e agir corretamente na vida era ser próspero (Jó 21.13; Sl 106.5); sétimo, por fim, uma definição bíblica que resume todas as demais: o próspero é uma pessoa que imita o agir de Deus. O Salmo 1 encontra esta pessoa. É o justo.

▶ B. **A origem da prosperidade** - Evidentemente que toda a Bíblia proclama que Deus é a causa direta da prosperidade dos justos (Gn 39.3, 23; Is 48.15; Ez 17.9-10; Ne 2.20). Entretanto, Deus usa uma pedagogia, isto é, um jeito correto e instrutivo para nos dar a sua ajuda e sua graça. Assim, a Bíblia mostra-nos que a prosperidade do povo de Deus vem: (1) pelo sofrimento e pela graça de Deus (Is 53.10), onde Ele ensina que o começo de todo bem-sucedido empreendimento humano reside na capacidade da pessoa para sofrer; (2) pela fidelidade e lealdade a Deus e ao povo de Deus (Jr 13.7-10; Dn 6.9); (3) pela busca do temor do Senhor (I Cr 26.5); (4) pela prática da justiça (Sl 1.3); (5) pela posse (penetração) do Espírito de Deus (Jz 14.6, 19; 15.14).

Evidentemente que estamos falando da prosperidade que a Bíblia conhece como legítima. Mais adiante, falaremos sobre a prosperidade que Deus não quer e não aprova.

▶ C. **Chaves para alcançar a prosperidade** - É possível que estejamos aqui repetindo conceitos e definições, porém a Bíblia é uma testemunha instrutiva. Ela, através de suas reportagens, nos oferece pistas para obtermos sucesso na vida. Evidentemente que há muitos caminhos, porém que as indicações aqui mencionadas sirvam para estimular uma análise mais ampla. Em primeiro lugar, a obtenção de prosperidade (isto é, capacidade para servir a Deus e aos semelhantes, como falamos acima) é precedida de pedido, apelo, por parte da pessoa interessada (Sl 118.25); segundo, através de uma vida de piedade e fidelidade à instrução de Deus (Js 1.7-8; Dt 29.9; I Cr 31.21); terceiro, através da insistente busca de sabedoria (Ec 2.21; 11.6).

Pretendemos levantar mais dois pontos no estudo sobre prosperidade: (a) a prosperidade que Deus não quer, e (b) a atual teologia da prosperidade. Entretanto, já podemos vislumbrar o desfecho desses três estudos.

- (1) Deus é a causa direta do sucesso, êxito ou prosperidade das pessoas;
- (2) a Bíblia nos ensina um conceito próprio de sucesso que, logicamente, não bate com os princípios oferecidos e impostos pela cultura do comércio;
- (3) o conceito bíblico, visto pelos olhos dos negociantes, políticos, empresários, entre outros, parece estar na contra-mão da estrada da vida, porém ele tem vencido o tempo e continua sendo aquele que tem oferecido à humanidade o melhor caminho e o prazer de viver; por fim,
- (4) a grande definição de prosperidade é saber viver e compartilhar os dons recebidos de Deus com os semelhantes. Aí reside a grande fidelidade e prazer da vida.

Para Reflexão da Classe

1. A lição nos ensina que próspero é aquela pessoa que imita o agir de Deus. O que isto significa para nós cristãos?
2. Qual a origem da prosperidade do povo de Deus?
3. Quais as chaves que dispomos para alcançar a prosperidade?
4. Que conceito de sucesso nos é oferecido pela cultura do comércio?
5. Como nos contrapomos a este conceito?

Nova Era



Lc 21.19
At 19.19

1- O que é a Nova Era?

O tema Nova Era tem ultimamente despertado muitas curiosidades, temores e estudos. Certamente, em sua igreja, alguém já ministrou um estudo a respeito da Nova Era. Usualmente, os enfoques dos estudos sobre este tema são os mais trágicos e assustadores possíveis, gerando um clima de pânico e desorientação na igreja e em sua cabeça. Esses estudos, "atiram" para todos os lados e em tudo tornando-se mais instrumentos de propaganda da Nova Era que guardiães da sã doutrina cristã. Enfim, servem mais ao inimigo do que a Deus.

Constatado o fato, procuramos então através dessa lição apresentar alguns traços marcantes desse movimento, denominado Nova Era, a fim de que possamos conhecer melhor sua atuação básica e seus métodos. Em seguida, apresentamos algumas idéias para reflexão e debate entre alunos e professores, com objetivo de entendermos melhor o poder de sedução e recrutamento que esse movimento religioso apresenta.

Leitura Bíblica para a Semana

segunda-feira:	Mateus 7.15-23
terça-feira:	I Timóteo 4.1-3 e II Timóteo 3.1-5
quarta-feira:	Mateus 7.15-23
quinta-feira:	Mateus 24.4-6 e 23-25
sexta-feira:	Gálatas 1.6-10 e Apocalipse 21:8
sábado:	João 8.44 e I Coríntios 10.20



A Nova Era Aquariana - aspectos básicos

Há aproximadamente 30 anos, iniciou-se a proclamação de que o sol mudaria de casa no zodíaco, saindo da constelação de Peixes e posicionando-se na de Aquário. Diz-se que o movimento *hippie* foi o início da Era de Aquário, que simboliza a fertilidade e uma renovação vital universal que rompe todas as barreiras. Esse ciclo cósmico da mudança da casa zodiacal é meramente astrológico e ocorre supostamente a cada 2160 anos. Hoje essa idéia é grandemente propagada. É essa *Nova Era*, a era de aquário, que constitui o elemento motivador da ação e pregação de muitas figuras conhecidas mundialmente.

A *Nova Era* acredita que a humanidade é influenciada por esta transição astrológica. Afirmam que a própria consciência vive um movimento histórico crítico e que a solução está no limiar da era aquariana que trará novos paradigmas (modelos) para a vida e consequente salvação. Podemos, a princípio, considerar que a *Nova Era* possui quatro pilares básicos: 1. um falso modelo científico; 2. as religiões orientais; 3. a nova psicologia e 4. a astrologia.

1. Falso Modelo Científico:

- a Nova Era justifica suas propostas nas ciências - normalmente simplificando e manipulando o sentido das teorias científicas
- utiliza-se muito da física, química e astronomia, aproveitando somente o que é de seu interesse.
- defende o holismo ou monismo - este é um conceito que diz que tudo está interligado no universo, cada ato desencadeia todo um sistema de reações. O universo todo é um único organismo.
- rejeita a linguagem e o pensamento racionais;
- incentiva as experiências metafísicas, intuitivas, espirituais e irracionais;

2. As Religiões Orientais:

A Nova Era valoriza todo tipo de religião oriental e dessas religiões ela utiliza:

- a meditação transcendental e as experiências místicas pessoais (mentalização, projeção, viagens astrais etc);
- uso do conceito dualista de bem e mal, negativo e positivo (yin e yang) que formam todas as coisas;
- a reencarnação é o principal e mais forte conceito da Nova Era, através dela a pessoa aperfeiçoa-se, desenvolvendo seu potencial divino, a iluminação, salvando-se a si própria;

3. A Nova Psicologia:

propõem um novo tipo de psicologia;

- incentivam as experiências de regressão ao ventre e às vidas passadas, experiências fora-do-corpo e morte virtual (falsa morte);
- os estados alterados da consciência são recomendados para experiências místicas;
- o renascimento, após a regressão;
- a canalização, ou contato com os mortos e "espíritos universais" (os médiuns);

Todos esses procedimentos são usados com a intenção de chegar-se ao mais profundo do ser, para ali encontrar o foco da divindade, para que divindade pessoal se manifeste. Pois, eles afirmam, nós todos somos deuses.

4. A Astrologia:

resgatam crenças místicas e milenares e doutrinas secretas, dando a elas valores e sentidos alterados;

- *é utilizada para justificar a "era de aquário", afirmando que a posição dos planetas, estrelas e constelações tem influência sobre a personalidade e vida das pessoas;*
- *utilizam também a magia, o ocultismo, a alquimia, a gnose, fadas, duendes, cristais etc, tudo numa grande mistura de sincretismo religioso.*

Tendo resumido a atuação da Nova Era nestes quatro pontos, bastante gerais, podemos estabelecer alguns aspectos mais específicos. Eles são apre-sentados no livro Confrontando a Nova Era, de Douglas Groothuis:

1. Panteísmo: a grande unidade do ser é Deus. Deus está em tudo e tudo é Deus (as árvores, seus chinelos...). Para eles inclusive nós somos Deus. Afir-mam que fomos realmente criados à imagem e semelhança de Deus e portanto somos iguais a Ele e também somos parte de tudo, pois Deus é e está em tudo.

2. Transformação da consciência: Através de drogas (LSD principalmente), regressão, viagens e experiências fora-do-corpo, é preciso abandonar todo o seu conhecimento e guiar-se por intuições e mensagens de "mestres do além", a fim de sentir-se em unidade com as forças cósmicas e energias vitais.

3. Criando sua própria realidade: deve-se abandonar toda e qualquer posição crítica, ou de contestação, bem como leis morais, ou bem versus mal. Cada pessoa deve procurar a seu modo, o aperfeiçoamento, sem nenhuma regra ou lei que interfira nesse processo.

4. Potencial humano ilimitado: somos todos milagres por acontecer. Tudo pode ser alcançado através da meditação. Abandonar os conceitos de pecado, finitude humana, morte eterna é necessário para que se manifeste a divindade interior.

5. Contato com os espíritos: há uma galáxia de mestres, espíritos, extraterres-tres e outros tipos com capacidade de falar e mandar mensagens (por psicografia ou vocalização) através dos canalizadores (o mesmo que os médiuns).

6. Sincretismo religioso: a Nova Era prega que deve existir somente uma religião, que será a união de todas as crenças existentes no mundo, por isso reúne em si um pouco de cada religião.

2 - Como se manifesta a Nova Era

1. O Messianismo

A humanidade passa por momentos de crise. Muitas mudanças têm acontecido e numa velocidade difícil de ser acompanhada. As informações são tantas que as pessoas sentem-se perdidas e sem ação. Existe um grande desespero e medo com relação ao futuro. A passagem para um novo século traz muita especulação. O ambiente de desespero, de medo, de desorientação é propício para o surgimento de mensagens messiânicas ou apocalípticas. A Nova Era tem em sua crença que logo virá um messias universal.

Para os judeus, o Messias seria descendente de Davi. A palavra messias significa: ungido, prometido, escolhido, o enviado por Deus para livrar o povo. A comunidade de Qumram, na região do mar Morto, aguardava um messias guerreiro, político, o "Senhor da Guerra". Nós cristãos, sabemos que o Messias é o Cristo, Filho de Deus, Libertador, Prometido, Salvador e Senhor. Ele é o portador das boas novas, das boas notícias, do Evangelho, da Palavra do Pai, traz esperança, restauração e renovação.

A Nova Era crê que Jesus tenha sido somente um precursor do verdadeiro messias, o *Maytrea* (nome do messias da nova era) assim também Buda, Maomé, Confúcio etc. O *Maytrea* é superior a todos. Conforme a crença da NE, esse messias será um dominador universal, que consolidará seu domínio no novo sistema mundial, centralizado e único. Ele virá como a solução de todos os problemas e dilemas da humanidade.

Nos tempos em que vivemos, essa mensagem é aceita com muita facilidade. As pessoas procuram soluções simples e principalmente desculpas ou fantasias para fugir de seus problemas. A figura de um messias heróico que promete resolver a situação de crise, mesmo que baseado em esperanças irreais, fictícias, ilusórias e irracionais é "bem-vindo". São os falsos mestres e falsos messias as contra quem Jesus adverte em Mateus 7.15-23. Os messias modernos.

2. As Promessas dos Messias Modernos

A grande onda mística que invade nossos dias é uma manifestação da Nova Era. As pessoas buscam uma experiência além da realidade, uma fuga, uma transcendência e até uma fantasia. Nesse contexto, os bonequinhos de pano, de palha de milho, pedrinhas coloridas, cristais, chaveiros, velas, perfumes, itens fabricados por pessoas comuns, adquirem poderes mágicos e secretos, bons fluídos de energias cósmicas.

A grande promessa é a transformação da vida. O encontro do eu interior, o desenvolvimento do potencial divino de cada pessoa. Se esta utiliza os amuletos, pode conseguir mais dinheiro, afastar mau olhar, sorte no amor, viagens espirituais etc. São refúgios para pessoas que não conseguem enfrentar a realidade e necessitam de fantasias e desculpas para a situação em que vivem e a perda do direito de decidir sobre suas vidas. Os messias modernos prometem soluções mágicas e instantâneas.

Em Mateus 24.4 e seguintes lemos que os falsos cristos enganarão a muitos e em I Timóteo 4.1-3 que muitos renegaram a fé, seguindo doutrinas de demônios. Num programa de auditório em Mineápolis, nos Estados Unidos, o apresentador pergunta à cerca de 140 pessoas presentes no auditório quantas eram adeptas da Nova Era. Aproximadamente 130 levantaram suas mãos. Em seguida pergunta quantos eram cristãos. Novamente quase todos levantaram suas mãos.

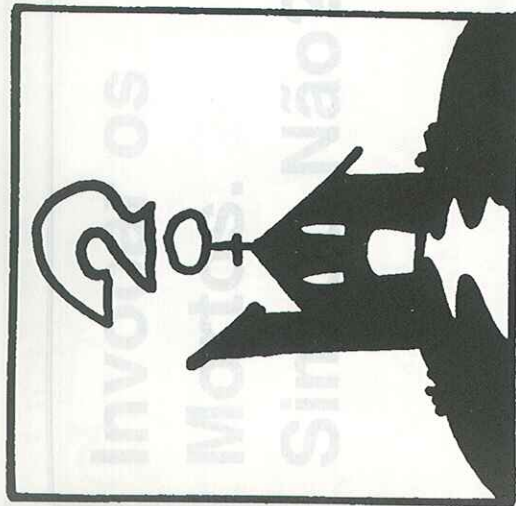
Jesus já proclamava dias difíceis, perseguições, catástrofes, dúvidas. Mas o Espírito do Senhor está sobre nós e nenhum cabelo de nossas cabeças se perderá, é pela perseverança que manteremos nossa vida - Lucas 21.8-37.

III - Cristianismo e Nova Era: Uma confrontação

Fazer uma confrontação entre o cristianismo e a Nova Era é uma tarefa difícil, pela simples razão: o cristianismo possui um livro sagrado de instrução, princípio de fé, regras de vida e uma longa história de testemunho de fiéis. Quanto a Nova Era, trata-se de um movimento recente, sem vida própria e sem história. Ela tem em si um pouco de todas as religiões do mundo, especialmente as orientais. Ao contrário do cristianismo, não existe, na Nova Era, um padrão de comportamento. Eis alguns pontos de choque com os princípios cristãos:

► **Primeiro**, há omissão de um Deus pessoal na Nova Era. Muito mais: o homem passa a ser um pequeno Deus, possuindo um potencial energético de criação. Ao contrário do cristianismo, Deus não é um ser pessoal, mas uma energia cósmica. Daí o princípio da Nova Era que vê no ser humano toda a capacidade divina.

► **Segundo**, a Nova Era nega a Jesus o título de Senhor, mas Ele é considerado uma reencarnação de um ser perfeito que foi preparado e enviado pelo verdadeiro Messias.



► **Terceiro**, se o ser humano possui a mesma energia divina, então o homem e a mulher (adeptos da Nova Era) são possuidores de uma enorme carga de energia. Com isso, a Nova Era vê o ser humano com poder ilimitado e livre para explorar todas as possibilidades da divindade. Cada pessoa possui uma luz interior, bem como todas as manifestações do divino. A finalidade do movimento Nova Era é levar a pessoa a descobrir e entrar em contato com a luz de seu interior. Para efetuar esta tarefa, a

Nova Era pratica a bruxaria, astrologia, regressão ao tempo do nascimento por hipnose, renascimento. Tudo isso é justificado por eles, porque a finalidade é a realização do potencial humano.

► **Quarto**, em consequência do infinito potencial humano, a Nova Era não considera o pecado. Para ela, as teorias sobre o pecado e a finitude humanos fazem parte das fábulas primitivas que caracterizam a ignorância do ser humano. Como o ser humano carrega o potencial divino, o bem ou o mal, que lhe possa sobrevir, é de responsabilidade somente dele mesmo.

► Para a Reflexão da Classe

1. Você acha que um cristão pode pertencer à Nova Era, usar amuletos, duendes, cristais? Por quê?
2. Os meios de comunicação, principalmente a televisão é o principal canal utilizado para a pregação da Nova Era, assim como muitas músicas, movimentos universalistas etc. Que tipo de propaganda da Nova Era você já identificou assistindo algum programa? Faça um pequeno debate sobre esse tipo de "pregação".
3. Qual deve ser a atitude da igreja e do cristão frente a esse movimento?



Hb 9.23-27

**Invocar os
Mortos.
Sim ou Não?**

O mistério da morte traz insegurança, ansiedade e expectativa de como será a vida após a morte. Isso ocorre, frequentemente, devido aos sofrimentos e inquietações da vida. Na intenção de encontrar uma solução fácil para este mistério, o ser humano cria alguns mecanismos para desfazer ou, mesmo, explicar esta difícil questão. Como resultado disso, o ser humano desenvolveu a prática de invocação dos mortos. No Brasil, esta prática é muito popular entre as diversas facções do movimento espírita, incluindo as religiões nativas africanas.

Os cristãos têm uma posição própria sobre o problema. Como parte do cristianismo, os metodistas se orientam, basicamente, pela Bíblia. Qual, então, é a orientação bíblica para esta particular questão?

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira: Dt 18.9-14 - Orientações acerca das abominações.

terça-feira: Is 26.16-19 - A angústia humana e a ação ressuscitadora de Deus.

quarta-feira: Jó 7.1-10 - Aquele que morre não retorna à vida anterior.

quinta-feira: Mt 22.23-33 - A ressurreição: Deus vivo e presente.

sexta-feira: Jó 11.25-27 - Jesus: a ressurreição e a vida.

sábado: 1Co 15 - A morte e a ressurreição de Cristo.

domingo: *Is 26.19* - O Antigo Testamento fala sobre a ressurreição que

servirá de alicerce para a ressurreição dos mortos no Novo

Testamento.



I. O que a Bíblia diz sobre o assunto

Nunca é demais lembrar que Wesley recomendou que toda doutrina relativa ao povo metodista, deveria brotar, necessariamente, da Bíblia. Assim, vamos buscar nela as instruções para esclarecer-nos sobre o assunto "invocar os mortos".

A. O Antigo Testamento abomina tal prática

Há uma série de orientações sobre esta prática. Vamos a elas:

1. Nos códigos de leis.

Pelas referências que encontramos nas leis do Pentateuco, percebemos que esta prática já perturbava o povo de Deus. Por exemplo, encontramos a proibição em Lv 19.31; 20.6; Dt 18.10-11. A simples referência a essa proibição, em dois importantes códigos de leis (Código da Santidade - Lv. 17.1 - 27.34 - e o Código Deuteronomico - Dt 1.1 - 34.12) aponta para a declaração de nulidade da prática de consultar os mortos. A lei estabelecida nesses dois códigos reflete a fé que o povo de Deus possuía: para que consultar os mortos, se Deus é quem está sempre presente, vocacionando, educando, salvando, orientando e fortalecendo para enfrentar e superar todas as dificuldades. Entre consultar a Deus e invocar os mortos, tranquilamente, a Bíblia faz opção pelo primeiro, pois Ele sempre ouviu o clamor do povo.

2. Entre os profetas.

Um dos primeiros e mais destacados profetas, menciona esta prática de modo negativo (Is 8.19-20). O silêncio dos demais profetas aponta para a insig-

nificância da prática na solução dos problemas do povo, já que eles estavam plenamente envolvidos na promoção da vontade de Deus entre o povo.

3. Entre os historiadores.

As referências negativas, mais claras, estão nos livros históricos. No livro de I Samuel, capítulo 28, o historiador conta um fato referente ao rei Saul. Este, num momento de fraqueza, decidiu consultar uma médium, em vista de uma ausência de resposta de Deus, a respeito do tempo propício para a guerra contra os filisteus. Este fato tornou-se um caso-modelo para instruir o povo a respeito da prática de consulta aos mortos. Porque Saul consultou uma médium, sua figura de rei ficou prejudicada, e esse episódio triste passou para a história como uma das razões pelas quais o povo perdeu sua dignidade, sua terra, sua capital, sendo exilado na Babilônia. O mesmo historiador condena o rei Manassés, também, por consultar os mortos (2 Rs 21.6; cf 1 Cr 10.13-14).

B. O Novo Testamento mantém a instrução do Antigo Testamento.

No Novo Testamento, a comunicação com os mortos continua a ser proibida. Há poucas referências a essa prática nos dias de Jesus e da Igreja. Entretanto, as poucas referências, não deixam dúvidas quanto a proibição.

1. nos Evangelhos.

Em Lc 16.19-31, o pedido de um homem rico para que Lázaro fosse enviado do reino dos mortos ao encontro dos irmãos deste, foi recusado. Ao mesmo tempo, em nenhum momento do período entre a morte e a ressurreição de Jesus, os discípulos tentaram invocá-lo.

2. nas cartas paulinas.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo faz pouca referência à prática da consulta aos mortos como um perigo imediato ao cristianismo nascente. Na verdade, ele fala, em tom de consolo aos enlutados, que os seus entes queridos não pereceram, porque estão em Cristo. Aos que morrem em Cristo, o apóstolo dava a certeza que ressuscitarão (1 Ts 4.13-18; 1Co 15.17-19). Todavia, o que é mais surpreendente, no Novo Testamento, é o quase completo silêncio sobre o problema. O silêncio é uma evidência de que a prática da mediunidade (aquilo que também conhecemos como espiritismo) não constituía uma ameaça à doutrina cristã.

A Bíblia não nos possibilita argumentos para aceitarmos a prática da mediunidade. O problema, entretanto, existe e a Bíblia reporta que Samuel falou com a médium de Endor e Saul (I Sm 28.14-19). Todavia, para o fiel a Deus, essa constatação não abalou a sua fé. Há uma convicção muito maior e mais verdadeira exigida por Deus. Vamos discuti-la:

► **A.** Existe uma *incompatibilidade entre a fé bíblica e a doutrina espírita* (no Antigo Testamento representada por algumas religiões do Antigo Oriente Médio). A fé bíblica promove e acredita no arrependimento, perdão, mudança de comportamento e na disposição de Deus em conceder força e sabedoria às pessoas, durante a vida, para se recuperar e procurar resolver os seus próprios problemas terrenos. Segundo o espiritismo, a humanidade ainda se encontra na "fase infantil", e somente quando ela atingir a "fase adulta", superará todos os problemas, tais como crime, roubo, guerra e toda sorte de conflito. Para o cristianismo, esta é uma idéia comodista e absurda, pois impede uma pessoa de trabalhar pela recuperação de um pecador. Invocar os mortos para resolver problemas do presente é o mesmo que se declarar ignorante da promessa de Deus.

► **B.** A história testemunha que *a consulta aos mortos nunca trouxe um benefício* para a humanidade e a Bíblia diz que a intenção divina sempre foi promover a paz, o bem-estar entre as pessoas. Consequentemente, Deus não recomenda aos seus fiéis uma prática inútil, vazia e sem sentido. Não há registro na história da humanidade um benefício advindo dessa prática.

► **C.** *A história bíblica está sempre apelando às pessoas a buscarem a vida*, em lugar de consultarem os mortos. Quando a lei, os profetas, Jesus Cristo e o apóstolo Paulo recomendaram a não invocação dos mortos, eles queriam dizer que esse tipo de prática negava a mensagem básica da fé bíblica: o Deus proclamado no Antigo e Novo Testamento é vivo e concede vida a todos. Jesus resume a questão dizendo: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai, e prega o reino de Deus" (Lc 9.60).

Para a Reflexão da Classe

1. Por que a Bíblia não consulta os mortos?
2. Discuta a frase: "consultar os mortos ou buscar a vida"?
3. Por que as pessoas invocam os mortos? Há razão para isso?
4. O silêncio da maioria dos livros, em torno dessa questão, ajuda-nos a entender a posição adotada pela Igreja Cristã?



Guerra Espiritual

Quando ouvimos falar de guerra espiritual nos dias de hoje, logo pensamos tratar-se de uma "novidade teológica" inventada por algum grupo radical. Entretanto, quando examinamos o texto bíblico e a nossa própria história, percebemos que os nossos irmãos e irmãs do passado pareciam bastante conscientes da realidade de uma "batalha espiritual", na qual, como povo de Deus, participavam ativamente.

► A situação no Antigo Testamento

Lendo o Antigo Testamento, ocasionalmente percebemos que existem eventos visíveis e eventos invisíveis na história bíblica.

Por exemplo, em II Reis 6 encontramos dois tipos de exércitos, um visível e outro invisível, rodeando a cidade de Dotã e a pessoa de Eliseu. O servo de Eliseu, porém, não pôde ver os "cavalos e carruagens de fogo", enquanto seus olhos não foram abertos".

Josué também, numa determinada situação, é surpreendido pela aparição de um "príncipe do exército do Senhor", através de quem Deus lhe fala, dando-lhe estratégias específicas para invadir Jericó (Josué 5.15-6.5).

A intensa realidade da "guerra invisível" parece óbvia também na visão de Daniel 10.1-11.1.

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira:	2 Reis 6.15-23 - A ação de Eliseu na guerra contra os Siros.
terça-feira:	Josué 5.13-6.5 - Deus aparece a Josué e Jericó é destruída.
quarta-feira:	Daniel 10.1-11.1 - Daniel tem uma visão no Rio Tigre
quinta-feira:	Mateus 28.18-20 - Jesus profere a grande comissão
sexta-feira:	Atos 26.12-18 - Paulo discursa perante o Rei Agripa
sábado:	Eféios 6.10-20 - A armadura de Deus.



Aparentemente, da perspectiva do Antigo Testamento, o conflito entre Israel e as nações pagãs ao seu redor representa apenas a "parte visível" de um conflito muito maior, a saber, a "parte invisível" do conflito, tendo ainda maior significado que a visível.

▲ A situação no Novo Testamento

Entretanto, poderíamos perguntar: que significado teria qualquer guerra no plano espiritual, já que Cristo derrotou definitivamente os poderes das trevas? A batalha não está terminada? A vitória não foi completa no Calvário? Não é isso que nos afirmam textos como Cl 2.15? Oscar Cullman, em seu livro "Christ and Time" (p.64), responde a esse tipo de pergunta, citando o exemplo da Segunda Guerra Mundial. Cullman vê a chegada das forças aliadas à Normandia como uma espécie de equivalente ao Calvário. O mundo sabia que quando as forças aliadas aterrisassem na Normandia a guerra estava terminada. Mas o Alto Comando Alemão recusou-se a aceitar a realidade e, numa negação psicótica, continuou lutando. De fato, a batalha mais sangrenta daquela guerra aconteceu depois que a "guerra estava terminada".

Ainda de acordo com Cullman, os poderes do inferno agem da mesma maneira. Condenados e sem esperança, sabendo que já perderam a guerra, eles continuam a batalhar apesar do Calvário. O confronto da Igreja contra esses poderes é, pois, uma realidade.

Paulo afirma isso em sua carta aos Efésios: "... pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes" (Ef 6.12).

Paulo jamais poderia negar essa realidade, já que, de acordo com suas próprias palavras, ele foi enviado aos gentios para: "... lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus..." (Atos 26.18). A Igreja, corpo de Cristo, é continuadora da obra de Cristo até que Ele venha. Qual a sua obra? João nos responde: "Para isso o filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo" (1 Jo 3.8b).

Já na Grande Comissão em Mateus 28.18-20 ficava a ideia de algum tipo de confronto, no qual a Igreja se envolveria no poder e na autoridade de Jesus. A ordem de fazer discípulos está envolta em dois fatores importantes:

- 1) na declaração de Jesus de que "foi-me dada toda autoridade no céu e na terra" e
- 2) na promessa de que "eis que eu estou convosco todos os dias..."

Sem dúvida, à medida em que a Igreja propaga as boas novas do Reino de Deus, ela desafia e provoca os poderes das trevas. E a única garantia de que os "portões do inferno não prevalecerão contra ela" é a presença daquele que tem "toda autoridade no céu e na terra." Na visão apocalíptica de João vemos a base da Igreja contra o "acusador": "E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte" (Ap 12.11).

▲ A Nossa Tradição Histórica

João Wesley, em seu sermão "A Reforma dos Costumes", pregado em 30 de janeiro de 1763, disse o seguinte: "Esse é o nosso objetivo original da Igreja de Cristo:... salvar a todos os homens da miséria presente e futura, derribar o reino de Satanás e firmar o reino de Cristo."

Ainda, naquele sermão, Wesley afirmava que o povo de Deus achava-se unido "para esse mesmo fim, isto é, para se oporem ao diabo e a todas as suas obras, movendo guerra contra o mundo e a carne, seus constantes e fiéis aliados" (Sermões de Wesley, v.II, pp.519-520).

▲ A nossa Hinologia

É verdade que os cânticos contemporâneos cantados em muitas Igrejas Evangélicas hoje enfatizam bastante a ideia de "batalha espiritual".

Mas voltemos um pouco nossa atenção para alguns hinos do nosso Hinário Evangélico: qual era a visão dos nossos irmãos e irmãs do passado a esse respeito? Vejamos alguns exemplos:

O hino 401, estrofe 2 diz:

Avante, avante ó crentes, Por Cristo pelejai! Vesti sua armadura, em seu poder marchai! No posto sempre achados, fiéis permaneçei, Em meio dos perigos seguindo o grande Rei!

Ver o texto de Ef. 6.12. responder e refletir em classe:

1. O que é Guerra Espiritual?
2. Qual deve ser o centro da mensagem proclamada pela Igreja Cristã?

ANOTAÇÕES

Em Marcha / Cruz de Malta

E o hino 402, estrofe 2, também descreve o confronto:

Tropas infernais, rugindo, Metem-nos horror; Os heróis não desfalecem: Deus lhes dá vigor.

Vejamos também o hino 407 do estrofe 2 que, apesar da linguagem discriminatória, usando o adjetivo “negro” como sinônimo de “mal” ou “terrível”, dá-nos uma idéia clara de um confronto espiritual, no qual o cristão se envolve como parte do exército do Senhor:

Eis formados já os negros batalhões
Do grande Usurpador;
Revelai-vos hoje bravos campeões,
Nas hostes do Senhor!

Outros hinos poderiam ser citados tais como o 384 e o 415. Mas nenhum outro demonstra melhor a consciência desta batalha travada em nível espiritual do que o “Hino da Reforma”, o 206 - “Castelo Forte”.

Princípios Para Uma Posição Equilibrada

1. Cuidemos para não começarmos a “ver um demônio em cada esquina”. Questões emocionais, psicológicas e físicas precisam ser reconhecidas e tratadas como tais. Nem tudo é problema demoníaco. No Evangelho de Lucas (um médico) vemos Jesus expulsando demônios (4.31ss.) e curando enfermos (4.38ss, 5.17-26). Precisamos também discernir entre uma coisa e outra.
 2. Reconhecamos que possessão e opressão não são os únicos meios usados pelos poderes das trevas na tentativa de “matar, roubar e destruir” pessoas. Esses poderes agem também através da mentira, do preconceito, da injustiça institucionalizada etc.
 3. Lembremo-nos que a finalidade última da igreja é propagar as boas novas da salvação em Jesus Cristo. A “Guerra Espiritual” não pode ser um fim em si mesma. O alvo maior é o estabelecimento do Reino de Deus. No dizer de Wesley:
- “firmar o Reino de Cristo”.
- Portanto, a ênfase da Igreja deve ser em Cristo.

Portanto, a ênfase da Igreja deve ser em Cristo.

99

Em Marcha / Cruz de Malta



*Eis formados já os negros batalhões
Do grande Usurpador;
Revelai-vos hoje bravos campeões,
Mas hostes do Senhor!*

Outros hinos poderiam ser citados tais como o 384 e o 415. Mas nenhum outro demonstra melhor a consistência desta batalha travada em nível espiritual, o que o "Hino da Reforma", o 206 - "Castelo Forte".

Princípios Para Uma Posição Equilibrada

1. Cuidemos para não começarmos a "ver um demônio em cada esquina". Questões emocionais, psicológicas e físicas precisam ser reconhecidas e tratadas como tais. Nem tudo é problema demoníaco. No Evangelho de Lucas (um médico) vemos Jesus expulsando demônios (4.31ss.) e curando enfermidades (4.38 e 5.17-26). Precisamos também discernir entre uma coisa e outra.
2. Retornamos que possessão e opressão não são os únicos males causados pelos poderes das trevas na tentativa de "matar, roubar e destruir" pessoas. Esses poderes agem também através da mentira, da preconcipição, da injustiça institucionalizada etc.
3. Lembremo-nos que a finalidade última da Igreja é propagar as boas novas da salvação em Jesus Cristo. A "Guerra Espiritual" não pode ser um fim em si mesma. O alvo maior é o estabelecimento do Reino de Deus. Ninguém pode "falar o Reino de Deus" sem que a Igreja não esteja presente. Portanto, a ênfase da Igreja deve ser no Reino.



Descansar no Espírito

Descrição do fato

Num momento de intercessão, a pessoa que está recebendo a oração cai para trás ou para frente, ficando estendida no chão por alguns minutos num (aparente??) arrebatamento de sentidos. Esse fenômeno tem sido chamado de "arrebatamento de sentidos", "descansar no espírito", "cair sob o poder" e até mesmo alguns nomes pejorativos tais como "a doutrina do cai-cai". Frequentemente, não apenas uma, mas várias pessoas, caem durante um momento de intercessão. "Devemos aceitar isso em nossas Igrejas? "Isso é de Deus?" "Isso é bíblico?" Estas são algumas das perguntas que passam pela nossa mente quando nos deparamos com esse e outros tipos de fenômenos "estranhos" aos nossos olhos. Do ponto de vista lógico, a explicação para esse e outros fenômenos pode ser de quatro tipos.

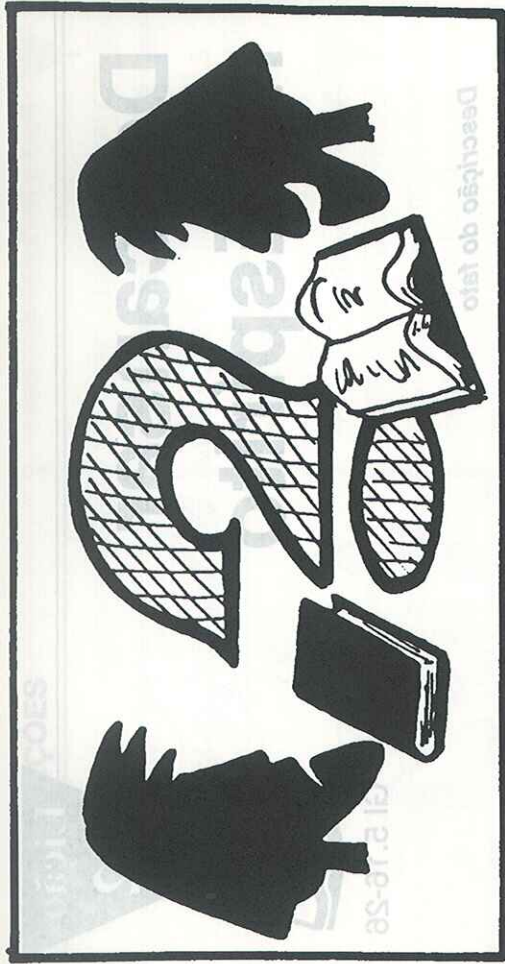
Poderíamos sugerir que:

É auto-sugestão: o fenômeno é consciente ou inconscientemente provocado pela própria pessoa.

É reação de massa: pregadores e dirigentes bem treinados provocam o fenômeno em ouvintes altamente sugestionáveis, resultando em reação de massa.

Leituras Bíblicas para a Semana

- segunda-feira:** 2 Crônicas 5 - A glória do Senhor encheu a casa de Deus
terça-feira: Ezequiel 1. 26-28 - A visão da glória divina
quarta-feira: Daniel 8.15-19 - A visão sobre um carneiro e um bode
quinta-feira: 2 Coríntios 12.1-5 - As visões e revelações do Senhor ao apóstolo Paulo
sexta-feira: João 18.1-12 - Jesus no Getsêmani
sábado: Apocalipse 1.9-20 - A visão de Jesus glorificado.



É ação diabólica: o fenômeno representa alguma forma de controle demoníaco.

É ação divina: o ato de cair é uma reação ao poder de Deus. O fenômeno tem respaldo bíblico. Uma das quatro possibilidades acima deve explicar os fenômenos comportamentais estranhos que surgem no meio do povo cristão.

Vejamos se na história bíblica ou na nossa própria história existe base para o fenômeno de “descansar no espírito” ou “arrebatamento de sentidos”:

► **No Antigo Testamento**

1. No segundo livro das Crônicas, no capítulo 5, na narrativa da construção do templo, quando a arca do concerto foi levada para dentro do templo, num momento de louvor e adoração, “a glória do Senhor encheu o templo de tal forma que os sacerdotes não podiam ter-se em pé para ministrar” 5.14.

2. Em Ezequiel 1.28, ao contemplar a glória do Senhor, o profeta cai com o rosto em terra.

3. Em Daniel 8.18, enquanto Deus falava, o profeta caiu com o rosto em terra “num profundo sono”.

► **No Novo Testamento**

No Novo Testamento o caso mais conhecido é o de Paulo em 2 Coríntios 12.2-3 “... (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei, Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro céu”. Aqui Paulo escreve um óbvio estado de transe. Ainda no Novo Testamento vemos outras situações tais como a dos guardas que vie-

ram prender Jesus em João 18.4-6: “(...) Quando Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra.” Há também a visão apocalíptica do apóstolo João: “Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a sua mão direita dizendo: Não temas. Eu sou o primeiro e o último” Ap 1.18. Os textos acima, tanto no Antigo como no Novo Testamento demonstram que de fato há bases bíblicas para o fenômeno do “arrebatamento de sentidos”. Entretanto, seria importante notar que, via de regra, esses arrebatamentos acontecem quando Deus manifesta sua presença (sua Glória) de forma extraordinária.

No livro “O evangelho da Nova Era”, o autor Ricardo Gondim sugere que: “De fato, no relato das escrituras, todas as vezes que foi dado o privilégio a alguns de contemplarem a dimensão sobrenatural, esses sentiram-se tomados de um êxtase tal, que sentiram-se como que morrendo, arrebatados, espantados”(p.127).

Em todos os casos parece que a expressão “cair sob o poder” definiria melhor o fenômeno, já que, aparentemente, todos caem sob o impacto causado pela manifestação da presença e do poder glorioso de Deus.

Outro detalhe a ser notado é que em vários casos (Daniel, Ezequiel, João) Deus sugere que a pessoa “ponha-se de pé” para ouvir a sua mensagem.

► **Na nossa tradição histórica**

No diário de John Wesley, em primeiro de janeiro de 1739, encontraram a seguinte descrição de uma reunião de oração:

“Cerca de três horas da madrugada, enquanto persistíamos em oração constante, o poder de Deus veio poderosamente sobre nós, de tal maneira que muitos gritaram com júbilo extraordinário, e muitos caíram no chão. Logo que nos recuperamos um pouco da surpresa e da admiração de que fomos tomados pela presença da majestade de Deus, exclamamos a uma voz: “Nós Te louvamos, ó Deus; nós reconhecemos que Tu és o Senhor”. Aqui também confirma-se que a queda é causada pela manifestação de Deus.

► **Como agir diante do fenômeno?**

Normalmente, diante das situações “estranhas” ficamos demasiadamente preocupados. Porém precisamos ser cuidadosos no sentido de que nosso zelo demasiado com relação a determinadas formas não nos impeçam de perceber algo que Deus esteja realizando. Deus às vezes age de maneira “estranha” e o ser humano também reage de maneiras estranhas. A pergunta a ser respondida é: o que nos incomoda? Incomoda-nos o erro? Ou incomoda-nos o fato de não estarmos no controle da situação?

A seguir sugerimos alguns "princípios que devem nortear uma posição equilibrada", baseados no livro "O Evangelho da Nova Era" de Ricardo Gondim:

► **Primeiro:** A experiência do "arrebatamento de sentidos" ou "cair sob o poder" ou "descansar no espírito" não é um dom a ser buscado. Não existe base bíblica para a busca dessa experiência. Somos exortados a buscar a Deus, a amá-lo ardentemente. Se nessa busca algum tipo de manifestação acontece, não compete a qualquer pessoa determinar a frequência dessas manifestações.

► **Segundo:** Fenômenos parecidos com esse também acontecem em terreiros de umbanda e sessões espíritas, portanto, a forma da experiência, por si só, não determina se ela vem de Deus ou não. O contexto da experiência é de suma importância. "Amados, não creais em todo espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus" (1 Jo 4.1).

► **Terceiro:** A eficácia do ministério de um líder não deve ser medido pela frequência com que esses fenômenos acontecem em suas reuniões. Precisamos ter cuidado com líderes que fazem de manifestações específicas a base e o sucesso de seu ministério.

► **Quarto:** Qualquer tipo de manifestação sobrenatural deve ser observada à luz de I Co 12.7 "A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil". Deus é um Deus de propósitos. Suas ações sempre geram algo útil para o seu Reino tal como arrependimento, compromisso, ardor missionário, restauração, unidade.

► **Quinto:** É necessário ter cuidado com a vulgarização, a banalização da manifestação da glória de Deus. As experiências de Paulo, João, Daniel e outros foram tão singulares que facilmente se percebe o temor com que eles compartilhavam tais experiências. Quando os mesmos tipos de experiências "extraordinárias" acontecem com as mesmas pessoas repetidamente, chamado a atenção para indivíduos, o fato precisa ser questionado.

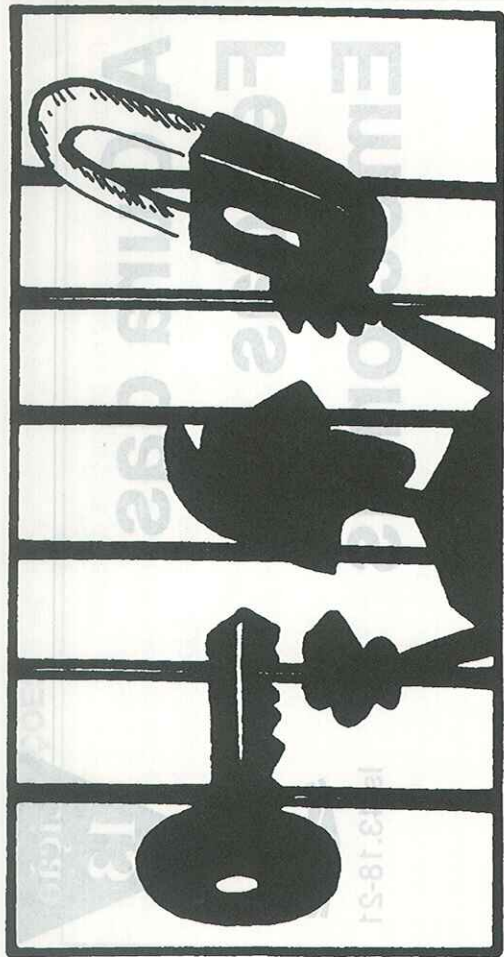
► **Finalmente:** Seria importante notar que andar no Espírito é, da perspectiva bíblica, mais importante que descansar no espírito ou cair no espírito. Em Gl 5.16 o apóstolo Paulo exorta: "... andai no Espírito e não haveis de cumprir a cobiça da carne".

A direção do Espírito nos livrará de enganos, auto-exaltação e mentiras, deixando-nos livres para receber as coisas novas e até mesmo um tanto "estranhas" daquele que está "a fazer coisas novas na terra".

Para a Reflexão da Classe

- 1) Reflita sobre as seguintes afirmações do autor:
 - a. A experiência do "arrebatamento de sentidos" ou "cair sob o poder" ou "descansar no Espírito" não é dom a ser buscado. Por quê?
 - b. Qualquer tipo de manifestação sobrenatural deve ser observado à luz de I Co 12.7: "A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil".
 - c. Diante da perspectiva bíblica o mais importante é andar no Espírito e não descansar no Espírito ou cair no Espírito.

ANOTAÇÕES



osa percebeu-se que muitas pessoas, por mais consagradas que fossem, eram incapazes de superar certas crise emocionais ou certos quadros afetivos e mentais. Havia fidelidade religiosa, muita oração, estudo bíblico, exercícios e metodologias religiosas, mas sem resultados práticos. Pastores(as) e estudiosos começaram a descobrir e confirmar o que a psicologia afirmava em relação ao pensamento, às emoções e ao sentimento humano. Mesmo nos ambientes mais resistentes (Pentecostalismo) começou-se a procurar entender o ser humano a partir dos seus constituintes psicológicos, da forma como a mente armazena informações, emoções e experiências, através do consciente, sub-consciente e do inconsciente.

O passado passa a ter um lugar de importância na terapia religiosa, e os fatos psicológicos, antes negados, passam a ser encarados como fatores importantes e até determinantes do comportamento humano. Surgem em português alguns livros significativos: A Cura Interior, da Editora Betânia, Cura para os Traumas Emocionais, também da Editora Betânia, escritos por um pastor metodista: David A. Seamands, A Cura da Memórias, escrita pelo mesmo autor e publicada pela Editora Mundo Cristão; Oração, Stress e Nossas Feridas Emocionais, de Flora Slosson Wuellner, publicado pela Imprensa Metodista, na série "No Cenáculo". Outros livros foram publicados até pelas editoras católicas. Seminários passam a ser realizados, inclusive pastores(as) passam a especializar-se no assunto, realizando um serviço de atendimento ou de clínica pastoral, visando à "libertação, pela graça divina" das memórias e dos traumas emocionais. Hoje em dia este assunto tem sido muito discutido, devido a algumas ênfases novas que surgiram, tais como a influência da "maldição hereditária",

assunto tremendamente polêmico no meio evangélico, e a influência demoníaca na vida das pessoas. A partir daí passa a existir junto com o processo psicológico e libertador, mediante a graça divina, a do exorcismo, da regressão, inclusive a períodos anteriores à gestação, indo a gerações passadas. Tudo cria uma grande polêmica a respeito do assunto.

Estamos estudando neste período uma série de assuntos que têm sido contraditórios e polêmicos nos dias de hoje. A questão da cura emocional, cura interior, dos traumas ou das memórias é um deles. Muitos praticam e orientam as pessoas de maneira saudável, bíblica e profundamente cristã. Outros caem em certas situações contraditórias e extremadas. Vamos procurar entender um pouco a respeito do assunto e verificar o quanto pode ele contribuir para a nossa saúde emocional e sanidade mental e espiritual.

O que nos diz a Bíblia

Isaías 43.18-21 considera as amargas experiências havidas com o povo de Israel no decorrer da sua existência, inclusive o seu cativeiro na Babilônia. Voltar-se continuamente para as experiências e memórias do passado poderia ter um duplo efeito: trazer ensinamentos e corrigir rumos, bem como criar barreiras, medo, recordações que levariam o povo a uma contínua insegurança. Neste contexto vem o profeta e diz-lhes: "Não vos lembreis das cousas passadas, nem considerais as antigas. Eis que faço cousa nova, que está saindo à luz; porventura não o percebeis? Is 43. 18-21. O povo sofrido, criado e formado por Deus, viria a celebrar o seu louvor como resultado da libertação divina.

Aqui está em sentido direto à busca da libertação das "memórias" e dos "traumas passados" vividos pelo povo de Deus. O Deus da Graça traria uma libertação e uma restauração, fazendo neles e através deles uma "cousa nova".

Paulo, falando a respeito de sua vida cristã e de sua experiência no caminhar da fé, afirma que o Senhor tem colocado perante ele o desafio da perfeição. Todavia, ele considera que não a tem alcançado e que muitas vezes tem fracassado no seu intento. Avaliando a sua situação, ele fala aos filipenses: "Irmãos, quanto a mim não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento... todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos" Fp 3.12-16. No capítulo 4, ele afirma para que não andemos ansiosos a respeito de coisa alguma. Tudo, porém, deve ser colocado em conhecimento diante de Deus pelas nossas petições,

súplicas, oração e ação de graças. O resultado será a paz de Deus guardando os nossos corações e as nossas mentes em Cristo Jesus. Hebreus 4.14-16 nos convida a nos achegarmos confiadamente a Cristo, o nosso Sumo Sacerdote, indo ao trono da Sua Graça a fim de alcançarmos misericórdia e acharmos graça para nos socorrer em ocasião oportuna. A certeza que motiva a nossa aproximação de Cristo é a de tê-lo como o nosso Sumo Sacerdote, aquele que em tudo foi semelhante a nós. O Antigo Testamento fala-nos, através dos profetas, de dias em que o Senhor nos daria uma nova aliança, que seria gravada nas mentes e nos corações. Essas promessas nos falam de uma nova mente, um novo coração, um novo espírito, um novo sentimento, uma nova vontade - elementos que constituem o que podemos chamar de "homem interior" - ser interior (Jeremias 31.31-33; Ezequiel 36.24-28). Deus nos tomaria, purificaria, restauraria e faria de nós o seu povo, sendo Ele, verdadeiramente, o nosso Deus.

Jesus em seu ministério pregou, ensinou e curou toda a sorte de enfermidades, inclusive as emocionais. Sua graça é restauradora em todos os sentidos. Acima de tudo proclamou o perdão como a maior força restauradora do ser. A Igreja Primitiva procurou ser fiel ao Seu Senhor levando às pessoas a Graça Curadora do Espírito, guiando-as a uma vivência de comunhão consigo mesmas, uns com os outros e, acima de tudo, com o Senhor. Eles deveriam ser uma comunidade terapêutica, onde o perdão, o amor, a reconciliação, o levar a carga uns dos outros, a compaixão e a restauração seriam elementos vitais nos relacionamentos (Gl 6.1-2; Rm 14.1; Tg 5.13-16), em especial, a terapia do confessar os pecados uns aos outros.

A Nossa Realidade

Temos em nossa memória fatos que nos são marcantes e dolorosos. Eles estão presentes desde antes de nascermos. Em especial são gravados no período da nossa infância, nos moldando através deles. A nossa vivência com a família, as outras pessoas, o meio ambiente marcam o nosso ser com experiências as mais diversas. Essas experiências afetam a nossa mente, nossas emoções, nossos sentimentos, nossos conceitos, nossos padrões e nossas atitudes. Tudo isto está relacionado de forma integrada em nossas memórias ou em nosso "ser interior". Há coisas marcantes em nós como traumas, desapontamentos, frustrações, ressentimentos, preconceitos, fatos doloridos, decepções, incompreensões, marginalização e uma série de outros fatos que geram em nós "imagens errôneas", criando em nós uma "auto-depreciação" ou uma falta de valor para nós mesmos. Tudo isto pode levar-nos a uma relação para conosco mesmos de "baixa auto-estima", "imagem inferior", "falta de afirmação pessoal", complexos de inferioridade.

Em nossos relacionamentos temos situações traumáticas e dramáticas. As pessoas erram para conosco, e nós também erramos em relação a elas. Daí podem surgir complexos de culpa que nos acompanham em todo o viver, levando-nos a carecer de uma "restauração espiritual". No processo de nossa formação, no lar, na escola, na Igreja e no meio ambiente social, existem muitos modelos que nos são colocados. Podemos adquirir um anseio de "perfeição", tornando-nos perfeccionistas, levando-nos a uma contínua insatisfação pessoal e comunitária e a ter um procedimento de juiz sobre as demais pessoas.

Em nossa caminhada na escola, no trabalho, e na sociedade, em geral, buscamos alcançar certos valores, posições e "status". Essas situações nos são colocadas de forma massiva, sem levar em consideração a nossa realidade individual. Quando nós não alcançamos o que aspiramos, caímos no desânimo, na depressão e em nossa depreciação pessoal. Emocionalmente podemos nos considerar incapazes. Há uma série de situações, emoções, sentimentos, estado da mente, de condições psicológicas, que existem na pessoa e que necessitam, muitas vezes, de cura. Os meios para se processar a cura são os mais diversos: psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, medicina medicamentosa, terapia individual ou grupal, apoio espiritual. Nessa área entra o que temos chamado a "cura das memórias ou dos traumas emocionais ou da cura interior".

Não estamos aqui falando de estados psicológicos graves e que merecem uma terapêutica específica e científica. Falamos de situações comuns que acometem todos nós. Além disso, as tensões, os desgastes físicos e emocionais do nosso dia-a-dia, os acontecimentos marcantes, os sofrimentos, as perdas de queridos ou de outros sentidos, os desequilíbrios motivados por nossas tensões e necessidades levam-nos a buscar, diariamente, forças restauradoras para o nosso físico, as nossas emoções e o nosso estado espiritual. Há necessidade de uma integração sadia em todos os componentes de nosso ser: espírito, alma e corpo, conforme nos diz 1 Tm 5.23. Somos um ser integral que, quando afetados num de nossos fatores constituintes, todo o resto é abalado.

Grande parte das enfermidades físicas estão ligadas a fatores mentais, emocionais e psicológicos. Cuidar dos aspectos emocionais e espirituais é um dos meios eficientes para evitar enfermidades. A Bíblia comprova este fato em muitos dos seus textos e ensinamentos. Um dos elementos mais desorientantes, presentes na vida humana, são os "relacionamentos". Relacionamentos truncados causam grandes danos às pessoas, em todos os seus aspectos. A mensagem de Cristo é a do perdão e da reconciliação. O trilhar um caminho de justiça e retidão uns para com os outros é uma força preventiva e restauradora. Vivemos num mundo de conflitos, cheio de temores e inseguranças, e causador de

profundas angústias nas pessoas, gerando situações de neuroses e até psicoses. A fé cristã necessita trabalhar com estes aspectos mentais, emocionais, afetivos e volitivos (da vontade humana). cremos numa Graça restauradora na vida das pessoas, das famílias e das comunidades. Trabalhar estas questões é trabalhar na área da “cura do ser interior”, com suas memórias e seus traumas.

O Caminho da Cura

Flora Slosson Wuellren em seu livro: “Oração, Stress e Nossas Feridas Emocionais” (Imprensa Metodista), afirma que o primeiro passo para a transformação desse mundo de dor é “olharmos honestamente para as nossas dores e começamos a abrir essa porta para o amor de Deus”. “Sempre há em nossas liturgias lugar para confissão de pecados, contudo não existe lugar para “expressarmos as nossas mágoas”. Essa é uma verdade, pois não temos tido espaços de amor e confiabilidade, onde podemos expressar as nossas mágoas, os nossos sentimentos e as nossas necessidades. Os autores que têm escrito a respeito deste tema afirmam que encontram nas Igrejas pessoas que são fiéis, oram, lêem a Bíblia, dedicam-se ao trabalho, são ardorosos, mas contudo não conseguem superar muitas de suas angústias, bloqueios ou necessidades emocionais. Alguns recebem um tratamento religioso terapêutico assemelhado a “passar um verniz” sobre uma madeira bichada (cheia de cupim). É necessário aprofundar-se mais, ter um processo de cura duradouro. Muitos cristãos tentam negar essas necessidades pessoais. O seu ativismo ou a sua dedicação à obra encobrem essa realidade. Além de não se aperceberem de suas necessidades, são insensíveis aos outros, julgando-os sem fé, infieis, inconstantes e incoerentes. No fundo eles vivem dentro de si uma realidade encoberta, mas nem por isso irreal.

David A. Seamands afirma em seu livro “Cura para os Traumas Emocionais que a cura dá-se por meio de um processo. Ela envolve um processo de crescimento na Graça, de reprogramação da mente e de restauração de todos os aspectos de nossa vida” ele está assim falando em especial para a cura do perfeccionismo, contudo, é um fato verdadeiro para todas as outras situações que nos envolvem. Todos(as) carecemos da cura (transformação, restauração) da mente, dos sentimentos, dos traumas emocionais, de nossas falsas percepções, de nossos relacionamentos e da cura interior que venha atuar sobre as nossas memórias, destaca Seamands.

Fazendo uma avaliação e definição sobre este processo, o autor acima diz-nos: Na mente de muitos cristãos ela não passa de espécie de panacéia, um meio mais rápido de alcançar-se a maturidade emocional e espiritual. Outros chegam a um extremo considerando-a superficial, não bíblica, e pouco sadia.

Na verdade, ela é uma forma de aconselhamento pessoal e pastoral, (pode ser também de leigos). Um aconselhamento que leva a sério os fatores psicológicos e que não toma lugar dos especialistas na área. Uma forma de possibilitar a pessoa a se abrir, a falar, a expor-se confiadamente diante das pessoas, da comunidade e de Deus. Representa confiança curadora da Graça Divina, que restaura e liberta, através da ação do Espírito Santo, que clama em nosso favor com “gemidos inexprimíveis”. É também uma forma de oração e de relacionamento com Deus, com o coração aberto, onde reconhecem-se as nossas debilidades e derrama-se diante dele todo o nosso ser, de forma confiante. Temos como fundamento a graça de Cristo e o poder curador do Espírito, sem deixarem de ser fundamentais à pessoa que escuta, e aconselha o ouvir, o discernimento e o seguir os fundamentos básicos da psicologia.

Podemos ter momentos diversificados no processo terapêutico:

- (1) O período de aconselhamento: aproximação, confiabilidade, abrir-se ouvir-se, buscar avivar a memória trazendo à ela fatos e recordações que deverão ser trabalhados e trazidos à Graça de Cristo.
- (2) Período de oração visando à cura. Não uma só oração, mas momentos contínuos em que as situações são colocadas perante o Senhor.
- (3) Períodos contínuos de acompanhamento visando a reprogramar a mente, transformar emoções, mudar o rumo das memórias e ou mais.

Como diz Seamands: “O objetivo não é somente aliviar a dor do passado ou algum nível de sanidade mental e emocional, mas o crescimento à semelhança de Cristo e uma obra de amadurecimento na santificação...”

Posições extremadas têm sido vivenciadas nos dias de hoje, destacando-se, em especial, as ênfases na questão das maldições hereditárias e das possessões demoníacas. São situações que vieram posteriormente ao surgir de um movimento, que faz da Igreja uma comunidade terapêutica.

Para a Reflexão da Classe

1. Se Jesus nos faz novas criaturas, como explicar o fato de existirem tantas pessoas com traumas emocionais na Igreja?
2. Análise: Podemos afirmar que a falta de fidelidade no empenho da palavra (no caso de guardar um segredo, uma confissão...), tem levado as pessoas a se fecharem, guardando consigo suas ansiedades e provocando, assim, doenças emocionais e físicas.

Cura e Exorcismo na Bíblia



Lc 4.18-21

O exercício dos dons no seio da Igreja não deve prejudicar a unidade do corpo de Cristo (Ef 4.11-14). Com o aparecimento dos grupos sectários que buscam uma renovação espiritual, com ênfase nos dons de curar e no exorcismo (além de outros), é importante atentar para a preservação da unidade da Igreja, o que deve acontecer através do alicerce bíblico, da tradição, da razão humana, da experiência de fé e da obra de Deus na natureza, como ensinava Wesley.

Diante da realidade presente, é importante conhecermos o que a Bíblia ensina e revela sobre enfermidade, cura e exorcismo, além de reconhecermos o posicionamento metodista em relação a esse assunto.

Ensinos Bíblicos

Do Antigo ao Novo Testamento, são mencionadas as doenças e as curas, por intervenção divina ou por uso da medicina conhecida. O caso de Saul - atormentado por um espírito maligno (1 Sm 16.14; 19.9,10) - é identificado como uma síndrome melancólica; a loucura de Nabucodonosor (Dn 4.33) e sua identi-

Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira: At 14.8-11 - A cura de um coxo em Listra

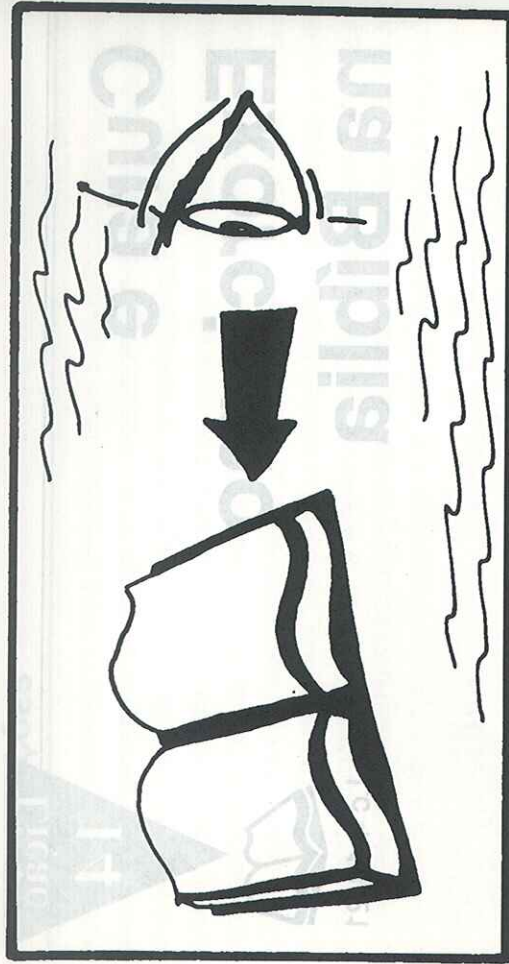
terça-feira: Lc 8.26-34 - A cura do endemoniado geraseno

quarta-feira: At 19.8-20 - Paulo encontra exorcistas ambulantes

quinta-feira: Ef 4.1-16 - Os resultados de uma igreja que utiliza os dons oferecidos por Deus

sexta-feira: Lc 4.16-30 - Jesus e o cumprimento da Promessa

sábado: Lc 10.1-12 - A missão dos setenta discípulos



cação com os animais é observada nas parafrenias e esquizofrenias. A Bíblia também menciona casos de embriaguez (Gn 19.31-38; Is 28.7,8; Jr 25.27); evidência a influência das emoções e do psiquismo sobre o corpo (Ez 7.17,18; Dn 5.6; Nm 2.10). Naamã foi curado milagrosamente da lepra (2 Re 29.7).

Observamos que os efeitos extraordinários registrados na Bíblia são obras de Deus, para manifestarem seu poder. Foram sinais de Deus para credenciar seus servos e através dos milagres, as pessoas se tornavam sensíveis à mensagem de Deus.

Jesus, por sua vez, operou inúmeras curas, não com o único objetivo do bem-estar físico das pessoas, mas para que cressem nele por causa de suas obras. Todos os enfermos na Palestina, não obstante, não foram curados. Outrossim, Jesus também falou do tratamento médico (Mt 9.12). Os milagres realizados por Jesus devem ser compreendidos à luz de sua pessoa, de sua mensagem e da nova vida que veio inaugurar.

Paulo possuía o dom de curar e o exerceu na Ilha de Malta. Entretanto, ele suportou sua própria enfermidade, não curou a Epadrodito nem a Trófito (At 19.11, 12; 14.8-11; 20.9,10; 28.8; 2 Co 12.7; Gl 4.13-15; Fl 2.19,30; 1 Tm 5.23). Na época no Novo Testamento, além do vinho para o estômago, era comum o uso do azeite para as feridas e dores generalizadas (Tg. 5.14,15). Tiago exorta seus leitores a utilizarem, além do azeite, a oração como auxílio divino para a cura. Jesus não utilizou o azeite ou o recomendou. Ao contrário, fez uma pasta com saliva e terra para curar o cego! Em Atos dos Apóstolos, muitas curas foram realizadas mediante a palavra de autoridade dos apóstolos (3.1-8; 5.15,16; 9.33,34).

Quanto à possessão demoníaca, no Novo Testamento aparecem as expressões demônios e espíritos imundos, como sinônimos. O termo possessão foi criado pelo historiador Flávio Josefo, no primeiro século. Sabemos que os demônios possuem conhecimento (Mc 1.24; At 19.15); possuem vontade própria (Mt 12.44; Lc. 8.31-33) e possuem emoções (Tg 2.19). Hoje em dia, comportamentos negativos têm sido atribuídos à possessão demoníaca (agressividade, erro de doutrina, vícios, linguagem obscena, oposição persistente à verdade ou Espírito Santo, nervosismo exagerado, vozes rocas, etc). Entretanto, nos últimos anos, a parapsicologia tem realizado progressos decisivos e tende a atribuir causas naturais a quase todos os casos tidos como de possessão. Estudiosos sérios, como Louis Monden, afirmam que a ação do demônio sobre o mundo sensível e a alma humana "é exclusivamente pela sugestão e pela tentação, ou, também, pela livre participação da vontade humana, em sua rebeldia, isto é, pelo pecado e suas marcas no psiquismo humano e mundo material".

Então, para compreender os exorcismos efetuados por Jesus, precisamos saber que Satanás manifesta sua presença na alma humana de três maneiras: primeiro, a vontade humana pode optar por viver alheia de Deus, operando mal o psiquismo; segundo, ela também pode ser ameaçada pelo maligno, trazendo confusão em sua personalidade (é o caso dos possesores do Novo Testamento); aqui, Satanás utiliza-se das perturbações psíquicas para dominar a pessoa. A terceira maneira é que Satanás pode possuir pessoas bem ajustadas, mas não produz nelas um impedimento psíquico ou uma enfermidade física. Um cristão não pode, de forma alguma, ser possesso pelo demônio; ele é tentado mas não possuído, e deve resistir ao mal (1 Pe 5.8,9; Tg 4.7; 1 Jo 5.18). Por outro lado, não se pode jogar toda a culpa em Satanás, pois há a responsabilidade individual na escolha do errado.

Precisamos ressaltar ainda que os demônios também realizam milagres para enganar os cristãos, isto é, quando a piedade vem acompanhada da superstição, dos ritos mágicos, da obsessão pelo espetacular. O verdadeiro milagre está relacionado à oração e à fé; ele é discreto, enquanto aquele é prodigioso, perturbador, dando esperança de um paraíso sem cruz. O verdadeiro milagre tem como objetivo aproximar a pessoa de Deus, saciando sua fome espiritual em Jesus Cristo (Mt 4.4; Jo. 8.32).

Na prática do exorcismo, é necessário o dom do discernimento de espírito, para identificar a possessão do distúrbio psíquico; esse dom (1 Co 12.10) será concedido quando for proveitoso para identificação a Jesus e a João Batista (Lc 7.33; Jo 10.20).

O cristão também precisa lembrar que, para o exorcismo, não é preciso a violência nem os gritos; basta a palavra de autoridade conferida por Cristo (Lc 10.17-20; At 16.18; Mt 12.28). A compaixão pela pessoa deve motivar o cristão ao exorcismo. As pessoas que desejam a libertação, por sua vez, precisam humilhar-se diante de Deus (Tg 4.6,7); confessar seus pecados (1 Jo 1.9); e invocar o nome do Senhor (Rm 10.13). Cada cristão deve revestir-se da armadura de Deus para permanecer firme e resistir contra as astutas ciladas do diabo (Ef 6.11-18).

Estudos e observações já concluíram que muitos casos de possessão são fraudulentos, isto é, provocados para o espetáculo; outros casos são erradamente identificados; e outros ainda não passam de sensacionalismo. Os verdadeiros casos de possessão e exorcismo são poucos; quando tratados pelos verdadeiros cristãos isso ocorre discretamente. Os líderes religiosos charlatões, cedo ou tarde, serão desmascarados, como aconteceu com os filhos de Ceva (At 19.13-16).

A desculpa apresentada para a não realização do milagre sempre é a falta de fé do doente; isso até pode acontecer. Entretanto, a maioria das pessoas que buscam os grupos de cura divina está desiludida com a medicina e procura ardentemente uma solução na religião: evidenciam sua fé. Os que buscavam a Jesus revelavam grande fé (Lc 17.11-19; Jo 9.35-38; At 3.1-10). Outro fato bíblico foi a falta de fé dos próprios discípulos (Mt 17.19,20). Os líderes religiosos de hoje, que realizam uma obra para a própria promoção e enriquecimento, não estão agindo com fé.

Diante de tudo isso, o que pensamos como metodistas?

► O Pensamento Cristão e Metodista

Como metodistas, cremos no dom de curar, apesar de somente ser mencionado numa das listas de dons do Novo Testamento (1 Co 12.9, 28). Deus continua curando nos dias de hoje, por causa da oração de seus servos, utilizando-se ou não dos recursos médicos. No início do cristianismo, o dom de curar foi exercido para permitir a expansão da Igreja. Com o desenvolvimento da medicina, sua manifestação foi diminuindo, embora não tenha cessado até os nossos dias. A Bíblia ensina que se deve orar pelos doentes (Tg 5.14), mas também que se deve confiar nos recursos médicos. Paulo ensinou que o dom deve ser para o bem de todos (1 Co 12.1-3). Se todos que chegassem ao cristianismo fossem curados, quantos se tornariam cristãos apenas pelo interesse da cura física!

Segundo Wesley, existem os dons da graça prudenciais, adequados para o crescimento dos cristãos e para melhor serviço na missão, em diferentes situações. Uma Igreja de Dons e Ministérios é uma Igreja que utiliza esses dons (Ef 4.1-16), que nada são quando separados da comunhão com Deus. O objetivo dos dons é a edificação e a unidade do corpo de Cristo. Assim, a obra de Deus continua a ser realizada através de sua Igreja, na integração de milhares de

pessoas à sua comunhão; na libertação de oprimidos; na evangelização dos pobres, em continuidade à missão de Jesus (Lc 4.14-21).

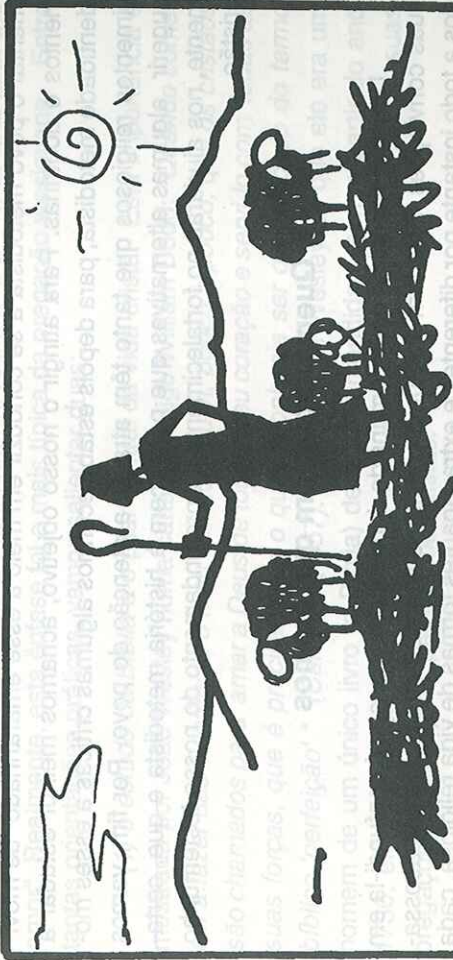
Deus permite algumas doenças em seus servos como prova de sua fé e isso tem edificado a comunidade cristã. Deus tem enviado seu Espírito Santo para confortar os que sofrem, esclarecer os duvidosos, animar os abatidos (Rm 8.26; Jo 14.16,26; 15.26;16.7). Deus tem curado a muitos, quer de doenças psicossomáticas (relativo aos domínios do corpo e da mente) quer de doenças graves, sem alarde, apenas para manifestar sua glória. Esta deve ser dada somente a Deus que permite ao seu povo realizar, através do seu poder, além do que pensa e lhe pede (Ef 3.20,21).

Ante as manifestações divinas de cura para uns e doença para outros, não temos uma explicação racional, lógica, humana; uns são agraciados de forma especial por Deus e outros, não. É um mistério ao qual a razão resiste e questiona, mas o coração cheio de fé e submisso a Deus se conforma e, espiritualmente, aceita a vontade do Senhor, pois Ele tem um projeto para cada criatura.

► Para a Reflexão da Classe

1. Como verificar que Deus continua curando em nossos dias?
2. Como conciliar uma Igreja de Dons e Ministérios com uma sociedade marcada pela miséria, abandono e sofrimento?
3. A ciência tem esclarecido quanto às curas de doenças psicossomáticas aos casos falsamente identificados como possessão demoníaca. Por que ainda proliferam os grupos de cura divina?
4. Qual a atitude do cristão frente aos movimentos de cura divina?
5. As descobertas científicas diminuem a autenticidade dos exorcismos efetuados nos primeiro século? Explique.
6. Como aplicar os ensinamentos bíblicos sobre cura e exorcismo ao nosso contexto sócio-eclesial?
7. A mentalidade mágica identifica todos os atos negativos com a influência demoníaca. Neste sentido, o que pensam os metodistas?

Jo. 21.15-23



Leituras Bíblicas para a Semana

segunda-feira: Gl 1.6-17 - Paulo menciona que há outro evangelho pregado na Galácia.

terça-feira: *1 Jo 4.1-6* - Os falsos profetas em meio aos verdadeiros cristãos.

quarta-feira: 1 Jo 2.12-28 - A fé dos crentes perante o mundo e os anti-cristos.

quinta-feira: || Tm 1.6-14 - Exortação a permanecer fiel.

sexta-feira: *Cl 2.6-19* - Permanecer fundados e arraigados em Jesus.
sábado: *II Pe 2.1-22* - Denúncia contra os ímpios que se infiltraram na Igreja.

O apelo acima foi feito, há dois mil anos, por Jesus. Jesus ressurreto fazia as últimas recomendações aos discípulos, antes de ir para junto do Pai (Jo 21.15-23). Ele estava preocupado com a intensidade e a qualidade do cuidado para com os seus seguidores - homens, mulheres e crianças que tinham decidido segui-lo. É interessante perceber que Jesus apontava para uma qualidade na tarefa de pastorear: amor. Por três vezes, Jesus insistiu com Pedro sobre a capacidade de amar, pois só quem ama a Deus tem forças para amar o seu semelhante.

A Igreja vive, hoje, um momento muito confuso. O mesmo ocorreu com a Igreja Primitiva. Diante dessas dificuldades, Jesus preocupou-se com a tarefa pastoral dos primeiros cristãos, detalhando as dificuldades que a sua Igreja iria enfrentar.

Durante estes últimos quatro meses, estudamos algumas tendências religiosas que têm provocado muitas confusões nas igrejas cristãs históricas. Particularmente, procuramos tratar dos assuntos, buscando esclarecer, alimentar e orientar o povo metodista a se conduzir em meio a esse emaranhado de movimentos e doutrinas. Para atingir o nosso objetivo, achamos melhor estudar a identidade metodista, para depois estabelecermos algumas críticas a esses movimentos religiosos que tanto têm atraído a atenção do povo. Por fim, vamos sugerir algumas alternativas que pertencem à história metodista e que, certamente, nos ajudarão no fortalecimento e aprofundamento do nosso testemunho cristão.

I. Quem somos, em que cremos

Uma das maneiras mais comuns de dominar uma pessoa é confundi-la em suas convicções. Esta tem sido uma constante nos dias atuais. Somos acossados a todo instante por diferentes e extravagantes formas de vida religiosa, cada uma apresentando seus argumentos de convencimento. É possível encerrar tudo isso, carregando a convicção de cristãos e metodistas? Primeiramente, é preciso reforçar a nossa identidade.

A. O significado da Igreja Metodista

É difícil falar em termos de significado, pois todo testemunho envolve detalhes objetivos e subjetivos. Entretanto, a contribuição metodista para o bem-estar dos povos, no mundo, é concreta, palpável e histórica. Em primeiro lugar, *participando de todos os movimentos* que promovem a paz, o entendimento e o bem-estar entre as igrejas cristãs e os povos da terra; segundo, *acreditando e anunciando* que os cristãos podem, através de uma fé verdadeira, lutar e promo-

ver a justiça social no mundo; terceiro, ao lado de sua *vocação profética*, buscando e propondo uma posição equilibrada para os grandes problemas do mundo. Os milhões de metodistas espalhados por quase todas as nações do mundo têm trabalhado estas e outras propostas cristãs que renasceram e foram reavivadas com os wesleyanos no século XVIII. No Brasil, apesar de sermos poucos, em relação a algumas igrejas históricas, a Igreja Metodista desfruta do respeito da população brasileira, por sua contribuição na área da educação e pela coragem no anúncio do Evangelho, num período tão difícil e desfavorável ao real testemunho cristão. A história da Igreja Metodista não foi escrita com o sangue de índios ou inimigos, mas com paz, entendimento, equilíbrio, fé, amor e a graça de Deus.

B. A doutrina metodista

Se alguém quiser encontrar um tratado teológico, escrito por Wesley, vai se frustrar, pois a sua preocupação nunca foi teórica, mas prática. Um dos textos mais usados nas suas cartas e pregações foi Gálatas 5.6 - "a fé que atua em amor". Realmente, esta ênfase foi a mais típica da pregação wesleyana. Entre tantas orientações práticas, vamos salientar duas:

(1) *o estudo da Bíblia* é o pilar central da vida cristã. Esta importância é mostrada por João Wesley numa carta ao amigo William Dodd: "*Quando comecei a fazer das Escrituras o meu estudo... eu vi, pouco a pouco, que os cristãos são chamados para amar a Deus de todo o seu coração e servi-lo com todas as suas forças, que é precisamente o que reconhecia ser o significado do termo bíblico 'perfeição'*" (Cartas, III, 157). A palavra de Wesley de que ele era um homem de um único livro (a Bíblia) deve ser entendida assim: a partir do ano 1730, ele decidiu que a Bíblia seria a última palavra na formulação de suas pregações e instruções para os metodistas.

(2) *a doutrina metodista* não é vista como um cansativo tratado teológico, mas, acima de tudo, como um princípio da vivência cristã. Wesley, para exemplificar seu modo de fazer teologia, formulou uma parábola, comparando a vida cristã à casa: o alpendre seria o arrependimento; a porta seria a fé; o interior da casa, a santificação. Toda e qualquer tentativa para que uma pessoa possa sentir-se parte do Reino de Deus, necessariamente, precisa de arrependimento, fé e santificação. Aí, Wesley encontra sua base na palavra de Jesus: "Arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1.15). Para ele, toda a crença e a prática cristã e metodista deve brotar da Bíblia.

► C. O metodismo tem proposta salvífica

O crescente número das tendências e movimentos religiosos não é um acontecimento anormal na história da Igreja Cristã. O testemunho dos primeiros cristãos, registrado no Novo Testamento, mostra a existência desses movimentos e as indicações de como enfrentá-los. Particularmente, a Igreja Metodista tem uma contribuição a fazer diante dessa confusa situação. Em primeiro lugar, a Igreja Metodista possui uma vocação ecumênica. A palavra "ecumênica" significa muito mais do que a união dos três principais ramos da cristandade (católico, ortodoxo e protestante) para tornarem-se um só corpo dirigido por um líder terreno. A definição metodista de ecumenismo é mais ampla e significativa: é o esforço do povo de Deus para cooperar na implantação do Reino (na salvação e libertação das escravidões impostas sobre o ser humano). O metodista, por sua natureza, não discrimina e menospreza outras igrejas nessa tarefa e nem se considera a única Igreja na obra de evangelização dos povos, mas se declara como "um dos ramos da Igreja Universal de Cristo". Em segundo lugar, a Igreja Metodista ajuda os cristãos a buscarem a *renovação do ser total* (coração e mente). O apóstolo Paulo, em vista da presença de falsos doutrinadores na igreja em Roma, escreveu: "eu vos exorto... pela misericórdia de Deus a oferecerdes o vosso ser total, como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto inteligente, espiritual. E não vos modeis a este século presente, mas que a renovação do vosso juízo (mente e corpo) vos transforme e vos faça discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito" (Rm 12.1-2). Ao contrário das pessoas que pensam que a única alternativa da igreja é melhorar a sua forma e jeito de comunicar o Evangelho, a Igreja Metodista continua afirmando que a meta maior dos cristãos é pregar o arrependimento dos pecados, levando as pessoas a agirem piedosamente e produzirem obras de misericórdia. Esta é a grande proposta de evangelização que os metodistas têm.



II. Algumas características dos movimentos religiosos

Uma das lições que o estudante da Bíblia recebe e deve guardar é a capacidade de discernir e fazer a escolha entre o que contribui ou não contribui para o bem-estar das pessoas em comunidade. O discernimento é um dom divino que o crente recebe para iluminar e esclarecer as pessoas que estão confusas e perdidas em seus caminhos. Portanto, eis algumas características, muitas vezes ocultas, desses movimentos:

► A. Ausência de seriedade no uso da Bíblia

Os movimentos religiosos da atualidade estão fazendo um caminho inverso daquele feito por Wesley. Para este, toda crença e prática evangélica devem necessariamente brotar da Bíblia. Os dois mil anos de história da Igreja Cristã têm mostrado que é muito perigoso ler e interpretar a Bíblia sem seriedade, para atender a interesses egoístas. Os mais frequentes desvios ocorrem assim:

1. *Interesse materialista.* O que percebemos nesses movimentos é o uso da Bíblia para justificar muita preguiça intelectual e esconder muitas intenções malignas, incluindo o interesse financeiro. Jesus apontava para este perigo: o dinheiro é fonte de traição (Mt 27. 3-10) e é a origem de todos os males (1 Tm 6.10). Para tanto, Jesus advertiu que a quantidade de dinheiro não deve ser tomado como o detalhe mais importante no discipulado.

2. *Ausência de doutrina e costumes bíblicos.* A grande maioria dos movimentos religiosos, comentados nesta revista *Em Marcha*, foi organizada a partir do jogo de interesse de seus líderes. A poligamia e a discriminação aos negros dos Mórmons, as promessas de prosperidade para os "fiéis", a super valorização de satanás nas pregações - tudo isso tem sido fruto da falta de seriedade no trato com a Bíblia e de interesses particulares, na maioria das vezes.

3. *Pouco conhecimento da intenção de Deus através da Bíblia.* Enquanto as igrejas trataram o Antigo Testamento como "lei" e o Novo Testamento como "graça", enquanto as igrejas discriminaram os ensinamentos contidos no Antigo Testamento, certamente elas não terão a competência para entender plenamente e ensinar com autoridade a Bíblia. Por acaso, a Palavra de Deus no Antigo Testamento é menos carregada de autoridade do que a pronunciada no Novo Testamento? O anúncio do Novo Testamento somente cumprirá a sua obra salvadora e libertadora quando estiver junto à instrução contida no Antigo Testamento - a Torá (Lc 16.31).

B. Acentuado egoísmo

Como quase toda pessoa que, de repente, prospera na vida, estes movimentos mostram-se fechados a todo gesto de fraternidade. Esta regra quase sempre é quebrada quando está em jogo o interesse.

C. Um novo jeito de cristianismo

As igrejas eletrônicas, lançadas nos Estados Unidos há algumas décadas, influenciaram e contribuíram para que um novo modo de cristianismo crescesse no Brasil. Este movimento possui a estrutura de grandes empresas e quer competir tanto no mercado como na política. Nos Estados Unidos, a tentativa tem sido um sucesso financeiro, mas constituído num desastre como testemunho cristão. Na Guatemala, a eleição de um presidente evangélico teve início com o crescimento extraordinário das igrejas pentecostais, mas terminou numa história de vergonha e corrupção jamais vista naquele país. E aqui no Brasil? Estes movimentos, já financeiramente poderosos, entraram no pesado e desleal jogo da propaganda, onde a verdade não conta muito, mas sim, o interesse do lucro rápido e fácil. Enfim, está nascendo um novo evangelho, mais parecido com o chocolate: exageradamente adocicado, de gosto muito atraente e sujeito às impurezas e, muitas vezes, contendo estranhas misturas (I Tm 6.3-10). Quando Paulo escreveu aos Gálatas, mencionando a presença de um "outro evangelho" naquela igreja, ele certamente, queria mostrar a sua crítica ao novo jeito de cristianismo que nascia (Gl 1.6-17).

III. A alternativa metodista

As críticas acima enumeradas não impedem ao metodista de reconhecer também valores nestes movimentos religiosos. Criticar não é eliminar, mas discutir os pontos positivos e negativos que existem neles. Não restam dúvidas que o ardor missionário e a busca de novos métodos de trabalho devem levar os metodistas, ou outra confissão religiosa qualquer, à reflexão. Portanto, é a partir daí que começa a tarefa de refazer o projeto metodista.

A. Memória histórica

A Bíblia enfatiza a todo crente lembrar e nunca esquecer a história dos atos de Deus (cf Sl 105.4-5). A intenção dessa cuidadosa instrução, efetuada especialmente no culto, é manter viva na memória a certeza de que Deus age

em favor dos fiéis. Ao longo de dois séculos e meio, Deus tem agido junto a diferentes povos do mundo, também, através dos metodistas. Nos últimos 250 anos, o mundo tem percebido que os metodistas possuem características próprias de testemunhar e servir ao Senhor, sem ferir os princípios fundamentais do cristianismo. Esta memória não pode ser apagada, porque o jeito de testemunhar do metodista tem sido importante para o mundo.

B. A importância da pastoral

Eis uma das marcas do metodismo histórico da qual a igreja não pode afastar-se. A memória histórica nos mostra que, em todos os lugares, o metodismo demonstrou muito zelo na assistência aos carentes, sejam eles, pobres ou ricos, homens ou mulheres, prisioneiros ou livres, negros ou brancos. Pastoral cristã é estar junto às pessoas, na casa, no caminho ou no trabalho. Mais do que nunca, esta virtude ministerial deve ser enfatizada e aperfeiçoada no serviço prestado ao povo (cf II Tm 1.6-14; 2.14-26). Mas que seja uma pastoral marcada pelo amor e nunca sinalizado pela esperteza, pelo lucro e qualquer interesse financeiro (II Tm 6.6).

C. O valor da doutrina

Esta é uma prática bíblica e não constitui novidade. O Antigo Testamento possui muitos conjuntos de preceitos, formulados para instruir, capacitar e orientar o povo de Deus. Essa orientação não se dava somente através das leis (exemplo: os Dez Mandamentos, Êx 20. 2-17), mas também na recordação dos atos salvíficos de Deus (Dt 6.20-23; 26.5-10). Jesus, ao proclamar o Sermão do Monte (Mt 5.1-7.29), tinha em mente estabelecer um programa de vida para a Igreja. A Igreja Primitiva também sentiu a necessidade de elaborar preceitos que expressassem a sua fé no Cristo ressuscto. O resultado desse anseio foi o Credo dos Apóstolos. A instrução bíblica nunca foi um peso para o povo de Deus. O exemplo do salmista (Sl 19. 7-10) é significativo. Portanto, é fundamental que o cristão possua balizas para orientar-se no seu comportamento ético e na sua atuação. É verdade que uma igreja sem profetas é morta, mas também é correto afirmar que uma igreja sem lei e doutrina está desorientada, sem rumo. Os movimentos religiosos mostram-se sem um princípio norteador. Muitos deles se orientam por pesquisas de mercado. Wesley cuidou muito para que os metodistas fossem um povo metódico.

► D. A paixão missionária

Aqui está o eixo da proposta wesleyana: a paixão, o ardor e a alegria no serviço da causa de Deus. Seja na tarefa de ensinar, proclamar, curar e servir, a característica metodista é a paixão pelo que crê e faz. Com muito discernimento, Wesley renovou caminhos da atuação cristã, muitos deles abominados por alguns crentes, tais como o ecumenismo, a evangelização ao ar livre e o serviço social. Qual, então, foi o segredo para que estas práticas dessem certo, no seu tempo? Primeiro, elas são recomendações bíblicas; segundo, elas foram executadas com ardor e, terceiro, elas fazem parte da missão evangélica.

► Para a Reflexão da Classe

1. Qual é o eixo de ação da Igreja Metodista, ontem e hoje?
2. O que falta à Igreja Metodista para dinamizar seu testemunho?
3. O que você acha do apelo metodista "comunidade missionária a serviço do povo"?
4. O que os movimentos têm a contribuir para a Igreja Metodista?

► ANOTAÇÕES

IGREJA METODISTA



O mundo moderno vive um momento muito delicado, em todas as suas dimensões. No âmbito religioso, esta passagem histórica é confusa e, particularmente, perigosa para a doutrina cristã. Com o advento da televisão, as pessoas começaram a perder o senso crítico, a vida comunitária, o direito de pensar e de decidir. O mundo está à mercê dos meios de comunicação e de suas estranhas ideologias.

Como resultado disso, surge uma "igreja nova" a partir das conquistas obtidas pela eletrônica. Coloca-se na boca de Jesus a defesa da eficiência, do sucesso e da prosperidade na formação física e doutrinária da Igreja. Transfere-se para a responsabilidade de Satanás os pecados que são cometidos, conscientemente, às ocultas. Promove-se a organização de uma igreja sem comunidade, marcada pelo individualismo. Anuncia-se uma graça sem a busca do perdão de pecados. As conseqüências poderão trazer sérios prejuízos para a história da Igreja. Já se constata, entre as igrejas históricas, alguns sinais de perigo: modismos que são atraentes e ênfases litúrgicas e doutrinárias que causam impactos. Todas estas mudanças são regidas pela preferência da mídia. Em outras palavras, a Igreja de Cristo sofre a ameaça de ser dirigida por uma elite da opinião pública. Faz-se necessário, então, preparar e animar o povo de Deus para testemunhar Jesus Cristo no mundo de hoje, dando-lhe sabedoria e discernimento para analisar e propor novos caminhos para a missão da Igreja.

Nesta revista estão selecionados temas que direta ou indiretamente fazem parte do nosso dia-a-dia, influenciando de maneira negativa ou positiva, dependendo do jeito que entendemos a Bíblia e a vida, o nosso relacionamento com Deus.

IGREJA
METODISTA

